



1290003431



FE

1 CC/UNICAMP V587e

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**JÚLIA VERGINASSI**

**EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO SE ENUNCIAM AS MULHERES QUE  
OCUPAM FUNÇÕES NESSE UNIVERSO?**

**Campinas**

**2007**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - BIBLIOTECA**

2008030423

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

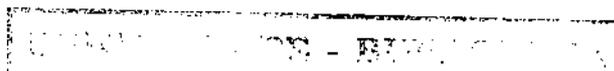
Júlia Verginassi

**EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO SE ENUNCIAM AS MULHERES QUE  
OCUPAM FUNÇÕES NESSE UNIVERSO?**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia/ Pefopex da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Cação Fontana.

CAMPINAS

2007



© by Julia Verginassi, 2007.

UNIDADE	FE
CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	V587e
EX:	
OMBO:	3431
DOC:	129/08
	X
SECO:	11.00
DATA:	01.03.08
	426147

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

V587e Verginassi, Júlia.  
Educação infantil : como se enunciam as mulheres que ocupam funções  
nesse universo / Júlia Verginassi. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientadores : Roseli Aparecida Cação Fontana.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação infantil. 2. Professoras – Formação. 3. Identidade. I.  
Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

07-569-BFE

---

Profª Drª Roseli Cação Fontana

(orientadora)

---

Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto

(2ª leitora)

2007

Dedico este trabalho à todas as professoras que não só passaram, mas marcaram a minha vida: professoras da Educação Infantil, as quais, carinhosamente, chamávamos de “tia”, tal o laço afetivo e de descoberta de mundo que nos unia; a da primeira série, que tinha um batom vermelho lindo, que eu adorava ver; a da segunda série, que me intitulava sua ‘ajudante’; a de um pouco mais adiante, com quem eu adorava dialogar e me chamava “pimenta”. Todas as “prô” do magistério, onde reafirmei o gosto, que há muito tempo achava ter, pela função docente. E a professora-doutora, que um dia referiu-se a mim no meio da sala de aula como a “filha que eu queria ter”, e que me pegou tão de surpresa, que me fez rubra, de um orgulho que nunca antes havia sentido.

## **Agradecimentos**

Ao meu Deus, sem o qual nada sou.

Aos meus pais, que me incentivaram o primeiro passo (e o segundo, o terceiro...).

À querida Roseli, pelo acolhimento e por me ensinar a aprender.

À minha grande amiga Luciana e toda sua garra, que me instiga a viver o hoje, lembrar o ontem, refletir o amanhã.

Às educadoras, que concedendo parte de seu tempo e de suas experiências, viabilizaram este estudo.

"(...) é ineficaz e inoperante falar da escola (...) sem levar em consideração aqueles que lhe dão movimento, estejam dentro ou fora dela".

(Assunção, 1996: 03).

## Resumo

Frente aos muitos estudos acerca da criança pequena e suas relações com os espaços educativos, perguntava-me sempre pelas condições pessoais e profissionais das educadoras que com ela atuam. Dessas indagações nasceu o interesse em me aproximar dessas profissionais e documentar a visão que têm de si no trabalho. Para tanto desenvolvi um estudo exploratório a partir de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com doze profissionais da educação infantil que atuam em Creches, com crianças de zero a três anos, com e sem formação específica na área. O roteiro das entrevistas abordava três grandes temas: dados pessoais, formação profissional e realização profissional. Ancorada em estudos sobre a profissão docente e sobre a constituição da identidade profissional, em especial Vygotsky e Fontana, procurei reunir indicadores das características pessoais e profissionais presentes no grupo estudado, tomando para análise suas enunciações acerca da formação e da realização profissional, das vivências no trabalho e de como compreendem e significam a dimensão educativa de sua atividade profissional. Nessas condições de realização do estudo, pude apreender indicativos da superação de alguns discursos recorrentes entre essas profissionais até um passado recente, tais como a restrição do trabalho com crianças de zero a três anos ao cuidado, a idéia de que ser mulher e ser mãe basta para saber cuidar de crianças. Destacou-se também o fato de que, apesar da prevalência do sexo feminino nesta profissão, esta condição não foi utilizada como justificativa ou explicação naturalizadora da escolha profissional. Antes, constatei que a maioria das

entrevistadas chegou a esta profissão por acaso, mais do que por escolha, condição que vem contribuindo para enfatizar a profissionalidade docente.

**Palavras chaves:** educação infantil, profissionalidade, identidade.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I –	
METODOLOGIA .....	17
CAPÍTULO II –	
Vigotski: ajudando-me a percorrer o caminho .....	24
CAPÍTULO III –	
Primeiro foco: dados pessoais .....	40
III.I: Identificando: quem são as educadoras entrevistadas? .....	42
CAPÍTULO IV –	
Segundo foco: formação profissional .....	45
IV.I: A forte presença feminina na profissão professor de Educação Infantil .....	47
CAPÍTULO V –	
Terceiro foco: realização profissional .....	53
V: Os melhores aspectos (e o que não é tão bom assim) na profissão- professor .....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	67
ANEXOS .....	71

# *Introdução*

Professores sempre marcaram a minha vida: uma por ser bacana demais e parecer criança junto a mim e meus amigos; outra, por seu batom vermelho, que eu adorava; outra, por seu jeito ríspido e impositivo de falar; outra, por conseguir me fazer aprender o que parecia impossível... e era de cada uma delas que eu me lembrava, em seus modos de mediação e procedimentos, quando a pipa de um colega insistia em não subir, quando algum amigo estava com dificuldade e eu já tinha terminada a lição, quando a professora de inglês faltava e a turma pedia para que eu, também estudante, "subisse" aula em seu lugar.

Quando, em 1997, terminei a então oitava série do primeiro grau, eu, filha de pedagoga, decidi: quero fazer Magistério. E não foi por nenhum conceito previamente formado (porque gostava de crianças ou porque minha mãe era professora ou porque tinha paciência e jeito para ensinar, ou vocação...) que me decidi; aliás, foi justamente visando formar um conceito acerca de "personagens" que sempre estiveram presentes em minha vida que optei pelo "Nível Médio Modalidade Normal". Por que estas pessoas eram tão interessantes, tão marcantes, tão diferentes, e mesmo assim, pertenciam a uma mesma classe, a de professores? Foi buscando respostas a essas perguntas, e querendo participar deste "mundo docente" que optei pelo Magistério.

Formei-me em dezembro de 2001, num curso que juntava Ensino Médio e Técnico. Nele encontrei novos professores que marcaram o meu caminho: a de literatura e gramática, por quem me encantava a cada ano mais, aqueles com quem eu discuti, por uma bobeira ou outra, mas que talvez fossem coisas muito importantes para serem deixadas para trás, a que me

"puxou a orelha", a que me chamava "the best". Sem grandes ilusões, mas sem deixar de "sonhar sonhos possíveis", no ano seguinte ao que me formei, prestei concurso público em Cosmópolis (cidade vizinha de Paulínia, onde moro), e, neste mesmo ano letivo iniciei minha vida docente: uma primeira série. Frio na barriga, tremedeira, ansiedade, mãos geladas, e um monte de vontade de fazer o meu melhor... Chorrô, abraços, despedida, saudade que parecia não ter fim: a professora titular voltou no final de março, e ficou com o que eu já considerava minha turma.

Na semana seguinte, nova atribuição de turmas, e eu, que sempre soube que o que queria era Ensino Fundamental, que tinha me encantado já de cara com minha primeira turma, vi-me defronte a um outro enorme desafio: uma turma de Educação Infantil!!! Frio na barriga, tremedeira, ansiedade, mãos geladas, tudo em dobro... e o medo de não conseguir fazer o meu melhor também... e foi assim, que vivi quatro anos de minha vida profissional: vendo cada sentimento desses se transformar em alegrias, conquistas, aprendizados, desafios... Sempre buscando mais, e com o medo, de não estar dando o meu melhor, me acompanhando, posso, sem dúvidas, dizer que eu era uma das profissionais mais realizadas, marcando presença na vida de cada uma das 37 crianças que passavam cada ano comigo, e o melhor: fazendo-as presentes em minha vida, alegrando-me e sofrendo com elas.

E foi no auge de minha realização profissional como professora de Educação Infantil de quatro a seis anos, que, em agosto de 2006 fui aprovada em um concurso público na cidade onde moro e chamada a assumir. O cargo? Mais uma vez, um novo e desconhecido cargo: o de educadora infantil.

Esta profissão, feminina na rede em que atuo, tem por função cuidar integralmente de crianças com faixa etária entre zero e três anos. E quando digo integralmente, refiro-me a tudo mesmo: dar banho, alimentação, trocar, brincar. Esse tudo também inclui o fazer pedagógico envolvido no desenvolvimento afetivo, intelectual e físico.

Apesar desse tudo, as educadoras infantis são socialmente lidas e avaliadas como participantes de uma atividade assistencialista. Recentemente, suas funções e as exigências de escolaridade para o exercício da profissão foram redefinidas, mas ainda continuam sendo vistas por outros profissionais e pelas famílias, cujos filhos atendem, como meras babás a quem compete o cuidado com a criança, o que resulta em desvalorização da própria profissão...

Ao entrar neste novo cargo, fui-me dando conta de que são muitos os estudos que se centram na criança pequena e sua formação, sem se indagar a respeito das condições pessoais e profissionais dos educadores que com ela atuam. Quem são, como se percebem e se descrevem profissionalmente, como vivenciam o trabalho e qual sua realização dentro dele?

Mobilizada por essas questões, decidi me aproximar dessas profissionais e documentar, através de um estudo exploratório, a visão que têm de si no trabalho, com a pretensão de lhes dar visibilidade, mas também de documentar os efeitos das recentes mudanças da Educação Infantil sobre elas e sobre seus fazeres cotidianos.

Foi assim que minha inserção no campo do trabalho com as crianças de 0 a 3 anos converteu-se em um projeto de pesquisa, que se desenvolveu na forma de um estudo exploratório realizado com doze profissionais da educação infantil que atuam em Creches, com e sem formação específica na área.

Através de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro abordava três grandes temas: dados pessoais, formação profissional e realização profissional e ancorada em estudos sobre a profissão docente (ARCE, 2001; ARCHANGELO, 2004; ASSUNÇÃO, 1996; LIBÂNEO, 2002; MASSI, 1992; NASCIMENTO, 2003; ONGARI, 2003; PAULA, 2004) e sobre a constituição da identidade profissional (em especial FONTANA, 2000), procurei reunir indicadores das características pessoais e profissionais presentes no grupo estudado, tomando para análise suas enunciações acerca da formação e da realização profissional, das vivências no trabalho e de como compreendem e significam a dimensão educativa de sua atividade profissional.

Teoricamente, as contribuições da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky sobre a constituição social da personalidade e sobre o caráter constitutivo da linguagem nesse processo, foram decisivas para as análises empreendidas.

Do ponto de vista da organização do trabalho nas instituições de Educação Infantil mostrou-se fundamental, na realização deste trabalho, o estudo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em seus aspectos relevantes para a Educação Infantil. Essa legislação, segundo Nascimento (2003), trata a Educação Infantil com base nos seguintes parâmetros:

- o Ela é um direito da criança de 0 a 6 anos e um dever do Estado que se efetiva mediante atendimento em creches e pré-escolas (art. 4º, IV);
- o Não é obrigatória, o que significa que não há responsabilidade do Estado em prover imediatamente vagas para todo o universo populacional de 0

a 6 anos, nem todas as crianças entre 0 e 6 tem obrigatoriamente que freqüentar a Educação Infantil;

- O atendimento, sempre que oferecido pelo Estado, é gratuito independentemente da condição social daquele que o procurar;

- A educação infantil será submetida a “padrões mínimos de qualidade de ensino” que se operacionalizam, “por variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis para o desenvolvimento do processo ensino – aprendizagem” (art. 4º, IX);

- O poder público contemplará o acesso à educação infantil conforme as prioridades legais e constitucionais (art. 5º; parágrafo 2º). Isto significa que o Ensino Fundamental é a grande prioridade.

Apesar de a Lei continuar dando prioridade ao Ensino Fundamental em detrimento da Educação Infantil, esta passa a ser tratada como um “nível de ensino”, havendo assim a necessidade de mudanças no perfil do profissional que atua nesta área. Assim,

O profissional que passa a ser privilegiado é aquele com um perfil de professor; o cotidiano das instituições é recodificado em conteúdos curriculares que devem observar diretrizes que enfatizam a “difusão de valores sociais, direitos e deveres da cidadania, respeito à ordem e ao bem comum [...] à orientação para o trabalho.

(LDB 9394/96, art. 27)

As mudanças de ordem organizacional chamaram-me a atenção para a necessidade de considerar se os professores que atuavam antes da aprovação da Lei (em 1996) se adaptaram ao “novo padrão” exigido aos funcionários da Educação Infantil (que não deve mais tratar apenas do aspecto assistencialista

e de cuidado, mas, principalmente, deve privilegiar o aspecto educativo), transformando, essa indagação, em mais um objetivo da pesquisa.

E, como um ponto puxa outro, o estudo da LDB aproximou-me do Referencial Pedagógico-Curricular, elaborado pelo Ministério da Educação, no qual se propõe uma formação comum para professores de educação infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. Este documento evidencia que outro ponto relevante para a consideração das condições de produção do exercício do trabalho educativo nas creches vem das ambigüidades geradas pelo enquadramento da Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Mesmo após a Lei ter sido aprovada, pairam dúvidas referentes a aspectos que parecem ter ficado dúbios, como o fato de a Lei tratar a Creche enquanto parte integrante do sistema escolar e o fato de a política educacional continuar tratando-a como uma instituição educativa sem caráter escolar.

O caminho percorrido e os resultados a que cheguei com os estudos realizados são apresentados em cinco capítulos. Nos dois primeiros focalizo a metodologia do trabalho e seus fundamentos teóricos. Nos três capítulos seguintes, os dizeres das educadoras infantis entram em cena. No Capítulo III, procuro caracterizar quem são as educadoras entrevistadas. No Capítulo IV elejo como foco a formação profissional e destaco a forte presença feminina nesse segmento da profissão docente. No Capítulo V, abordo a realização profissional, considerando, a partir dos dizeres das educadoras quais são os melhores aspectos da profissão-professor e o que não é tão bom assim no seu exercício.

Para a realização desta pesquisa optei por utilizar entrevistas semi estruturadas como forma de me aproximar das educadoras infantis e apreender, a partir de suas falas, as regularidades e singularidades existentes no exercício dessa condição profissional e na vivência pessoal da mesma.

Foram realizadas entrevistas com doze educadoras infantis, de diferentes faixas etárias e com diferentes níveis de escolaridade. Durante as entrevistas, pesquisadora e educadoras estiveram frente a frente. A primeira ouvindo e as segundas discorrendo sobre a compreensão que têm de si mesmas enquanto educadoras infantis.

Contando com o auxílio de um roteiro de questões, um gravador e com a possibilidade de que as educadoras infantis olhassem para si mesmas e enunciassem sobre a vivência dessa sua condição profissional, construí este trabalho. Nesse sentido, aproveito o ensejo para agradecer, mais uma vez, às educadoras que compartilharam comigo seu tempo e sua experiência.

O roteiro da entrevista foi previamente elaborado e reestruturado tendo em vista três grandes focos: dados pessoais, formação profissional e realização profissional. Este roteiro contou com dezenove perguntas que destrincharam cada um destes grandes focos e serviram de base para a realização das entrevistas.

A seguir, apresento o roteiro das entrevistas.

### **ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

- Idade;
- Estado civil;

- Número de filhos;
- Escolaridade;
- Possui formação específica na área em que atua (educacional)? Qual?
- Em caso positivo:

Em que nível? (médio, superior, pós...);

Essa formação foi dada em escola pública ou privada?

Quanto tempo durou?

Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

- Em caso negativo:

Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua? Por quê? Em caso positivo, o que a impossibilita de fazê-la?

- Tempo de serviço na área;
- O que você aprendeu de/ sobre sua profissão no exercício do trabalho?
- Qual a relevância do trabalho na sua formação como profissional?
- Por que da escolha dessa profissão?
- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?
- Você, continuando na carreira educacional, mudaria de rede, de escola, de nível de ensino?
- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?
- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?
- Quais são as suas maiores realizações na carreira?
- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?
- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

O roteiro norteou todas as entrevistas, mas não foi seguido linearmente. Por vezes, ao responder a uma única pergunta a entrevistada acabava abordando várias questões. E em outras, suas respostas acabavam suscitando novas perguntas que eu, a pesquisadora, incorporava à entrevista.

Todas as entrevistadas pertencem a uma mesma rede de ensino municipal e atuam em uma mesma Creche, que atende a crianças na faixa etária de um ano a três anos e nove meses. Ative-me a uma única unidade de ensino, que reunia um grupo de vinte e uma educadoras infantis, das quais doze aceitaram ser entrevistadas. As entrevistas foram realizadas no local de trabalho, de acordo com a disponibilidade de cada uma.

Trata-se, portanto, de um estudo exploratório, uma vez que envolveu apenas um grupo pequeno de sujeitos e não teve preocupações com a generalização dos dados. Meu interesse foi o de documentar os efeitos das recentes mudanças da Educação Infantil sobre aqueles que a vivenciam cotidianamente como trabalho. Muitos estudos centram-se na criança, sem se indagar a respeito das condições pessoais e profissionais dos educadores que com ela atuam. Ao reunir relatos dessas educadoras, pretendi não só dar-lhes visibilidade, como também documentar processos recentes de trabalho nos sistemas públicos de ensino.

É importante ressaltar que como pesquisadora também faço parte dessa mesma rede de ensino, e ainda, desta mesma unidade escolar, o que, conseqüentemente, me colocou numa condição não apenas de observadora - pesquisadora, mas também de sujeito participante.

Ainda é válido lembrar que esta condição de sujeito participante permitiu-me complementar os dados das entrevistas, na medida em que a convivência diária possibilitou descrever as condições de trabalho da escola, um pouco da personalidade de cada colega de serviço, aquilo que era dito no dia-a-dia e que escaparia a um pesquisador que adentrasse a escola apenas para realizar a entrevista, indo embora em seguida. A convivência traz a facilidade em entender os trejeitos, a ansiedade e as 'entrelinhas' das falas, além de maior desembaraço das entrevistadas frente a entrevistadora e vice-versa, visto que essa já faz parte de seu meio de trabalho.

Essa proximidade, de acordo com Eugenio (2003), aparece validada em Maurice Bloch, que:

Critica as antropologias baseadas apenas no que é explícito e pode ser observado: "a imagem de uma cultura produzida com base apenas no explícito tende a exagerar as diferenças", deturpação que ocorreria porque "o conhecimento cotidiano é e precisa ser implícito", e porque "o que as pessoas dizem (ou fazem explicitamente) é um guia pobre para o que elas sabem ou pensam". (p. 209).

Nesse sentido, é válido acrescentar que, ao contrário do que por muitas vezes ouvi na Universidade, em disciplinas relativas à metodologia, a pesquisa atuante nem sempre só prejudica. Neste caso, ela contribuiu para uma aproximação mais completa dos sujeitos estudados.

Todas as entrevistas foram realizadas na própria Creche, em momentos em que as educadoras estavam sem a turma (ou porque esta já tinha ido embora, ao final de um período; ou porque as crianças já estavam de férias, nos intervalos entre reuniões, planejamentos, arrumação e limpeza dos materiais e brinquedos...). Cada entrevista foi realizada individualmente, após a explicação por parte da entrevistadora de que a entrevista seria realizada para auxiliar uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, da Universidade de Campinas, que visava identificar o perfil do atual educador infantil. Foi esclarecido ainda que nenhuma entrevistada teria seu nome revelado no trabalho, apesar de não terem feito objeções quanto a isso.

Da mesma maneira que considero cada pessoa como sendo única, considero as entrevistas e suas respectivas entrevistadas: cada qual com seu modo de se expressar, às vezes prevalecendo a ironia, às vezes o medo, outras a vontade de mostrar o quanto o que faz é gratificante, ou não. E talvez este seja o ponto mais interessante destas entrevistas abertas: o fato de que não há certo nem errado, quanto menos o previsível. Mesmo conhecendo cada entrevistada, por várias vezes me surpreendi com as respostas dadas a cada pergunta (ou ainda, com as respostas não dadas); gestos, risos, pausas... Cada entrevista foi única e talvez, nunca mais seja igual, pois o pensamento pensado naquele instante pode já não ser mais o mesmo após a experiência de entrevista vivida.

Assim, conforme Caldeira (1984) destaca, há todo um trabalho de elaboração por parte do entrevistado ao responder as perguntas que lhe são dirigidas:

É justamente nesta procura, e na articulação dos elementos encontrados, que se constrói uma interpretação que é, em geral, uma ordenação original de coisas velhas, de pedaços de imagens, experiências, opiniões, etc., que a memória guardou. Esta interpretação, produto de um momento especial, apresenta-se como um discurso organizado e é uma visão mais global do que a que pode ter no cotidiano. (p. 144).

Após a realização das doze entrevistas, foi a hora de transcrevê-las, trabalho árduo, que exigiu horas e horas seguidas de “pause – play, rew – play”, além de incansáveis e repetidas escutas, em busca da transcrição correta de cada palavra, tal qual foi mencionada no calor da entrevista. Houve ainda o tempo de descrever cada gesto, cada respiro profundo, cada risada, cada sinal de afeto, ironia, desgosto, impaciência ou “preciso pensar mais nisso”. Assim, cada entrevista foi milimetricamente analisada individualmente, buscando cada vestígio que pudesse auxiliar nesta pesquisa. Em seguida, foi a hora de olhá-las em conjunto, e observar, nas doze entrevistas, as recorrências e as especificidades.

Entre singularidades e recorrências temos traçado enfim, o perfil das mulheres entrevistadas, que trabalham na Educação Infantil com crianças de zero a três anos de idade.

## *Capítulo 2*

*Vigotski: ajudando-me a percorrer o  
caminho*

Para compreender a constituição da identidade profissional, recorri ao texto de Lev S. Vigotski <sup>1</sup> "Manuscrito de 1929" (2000) e ao livro de Roseli Cação Fontana "Como nos tornamos professoras" (2003), que assume como pressuposto as teses desse teórico.

Vigotski (2000) disserta sobre o desenvolvimento humano que se produz nas relações sociais. A gênese histórico-social do psiquismo é a principal tese de sua teoria, segundo a qual, os sujeitos vão se formando e se singularizando como personalidade ao longo da história das suas relações sociais.

A personalidade, ou pessoalidade como também a denomina Vygotsky, entendida como a singularidade que vai se constituindo nos indivíduos, organiza-se e estrutura-se nas relações sociais vividas. *Através dos outros constituímos-nos. Em forma puramente lógica a essência do processo de desenvolvimento cultural consiste exatamente nisso.* (Vygotsky, op. cit., p. 24).

Ao nascer, cada indivíduo insere-se na vida social, na história e na cultura humanas e nelas vive papéis e lugares sociais distintos, carregados de significados e modos de funcionamento que existem independentemente dele e dos quais se apropria nas relações com o outro social.

Mediados por seus parceiros sociais imediatos e por parceiros sociais já inscritos nas práticas culturais e nos significados que nelas circulam, cada indivíduo apropria-se desses modos de ser sociais e os elabora como parte de si mesmo, integrando-se às relações sociais e aprendendo por meio delas a se reconhecer como pessoa. É nesse sentido que Vygotsky afirma que a

---

<sup>1</sup> No Brasil o nome de Vigotski aparece registrado de diferentes modos. Optei por grafá-lo, neste trabalho, da forma como aparece na principal obra consultada, o Manuscrito de 29. (conf. Ref. Bibl.)

*personalidade torna-se personalidade para si própria, em virtude do fato de que ela está dentro de si, adiante o ato de ter-se mostrado aos outros como tal. (idem,ibidem)*

Assim, nas relações sociais, organizam-se e desenvolvem-se nos sujeitos sua dimensão pessoal, sua individualidade e também sua profissionalidade, entendida como a singularização da personalidade pela mediação do exercício da profissão e a singularização do modo de viver a profissão pela mediação da personalidade.

No caso das educadoras infantis, o desenvolvimento de sua profissionalidade está assentado nas formas de educar conhecidas e vividas por elas em suas experiências pessoais e na formação profissional recebida, bem como na história das práticas humanas de educar as crianças pequenas e de compreender suas especificidades, história e sentidos que lhes escapam ao conhecimento imediato, mas que as constituem como memória histórica da espécie. Tudo isso está presente no trabalho que desenvolvem hoje e o influencia, bem como está presente no modo como as educadoras se vêem e se enunciam, pois os modos de fazer, de pensar, de dizer, enfim de ser e de julgar o que se faz e o que se acredita, elaboram-se historicamente como um processo em que o hoje se produz com o que foi vivido ontem, seja pela sua afirmação e reprodução, seja pela negação e ruptura.

E foi com Vigotski que passei a olhar o sujeito (não só os da pesquisa, mas todos a minha volta) como construção histórica, lembrando sempre que temos em nós a história da humanidade e que nela, na grande história, produzimos e inscrevemos nossa própria história, que é uma singularização

resultante das condições sociais específicas de produção das relações sociais por nós vividas.

Assim, para entender as enunciações das educadoras, é necessário situá-las na história da profissão e na história dos sujeitos singulares que vivem essa profissão.

Como a educação infantil se constituiu e vem se organizando historicamente? A quem e como ela foi sendo destinada? Como a profissão a ela vinculada foi se definindo e sendo ocupada majoritariamente por mulheres? Com que carga valorativa essa profissão é julgada? Como se projeta e que em termos a imagem do profissional a ela ligado?

Arce (2001) em seu estudo sobre o profissional que atua na educação infantil em nosso país, destaca fatos que têm comprovado que o mito de que toda mulher é "naturalmente" educadora ainda ronda essa ocupação, compondo a imagem dos profissionais a ela ligados. Essa vinculação, segundo Arce, assenta-se em características culturais e historicamente atribuídas à mulher, tais como: ser passiva, paciente, amorosa, sabe agir com bom senso e ser guiada pelo coração. Além disso, a educação da criança pequena em espaços formais e a docência relativa a essa faixa etária são vistas, inclusive, como vinculadas ao trabalho doméstico feminino.

Segundo depoimento da pesquisadora, que é também professora universitária, ela realiza todos os anos, com seus alunos do curso de Pedagogia na habilitação em pré-escola, uma pesquisa com o intuito de saber como esses alunos vêem o profissional que trabalha com crianças de zero a seis anos. Em sua maioria, os alunos sempre afirmam que este profissional deveria ser mulher, que não há necessidade de muita formação pois basta

gostar, ter jeitinho com as crianças e entender um pouco de psicologia infantil para ser bem sucedido no desempenho da profissão. Consideram também que é bem mais fácil atuar na educação infantil do que, por exemplo, dar aula nas séries iniciais.

A partir dessas concepções, evidencia-se que há realmente o mito de que a mulher tem naturalmente as características necessárias para que se tornem professoras de Educação Infantil. Ainda de acordo com Arce (2001) mito, aqui, deve ser entendido enquanto

(...) algo verdadeiro, uma vez que construído socialmente, história que envolve entidades e faculdades sagradas, que não pertencem ao nosso cotidiano, mas são inseridas e respaldadas por esse cotidiano. Sendo sempre o produto de uma coletivização de imagens e vivido ritualmente, o mito traz dentro de si as "origens" das coisas, dos fatos, das pessoas. (p. 169).

A autora grifa ainda que este mito de a mulher ser naturalmente educadora de crianças pequenas provém também do fato de ser a mulher quem dá a luz e de ser considerada como a rainha do lar. Sem contar com a relação que se faz da educação como uma extensão da maternidade e da relação do mito da mulher – educadora nata relacionado ao útero e à função de reprodução (gerados no século XVIII), visto que

O útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A comparação da fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional faziam delas os seres mais aptos para

criar e educar os filhos em tenra idade. Desse modo, o útero definiu o lugar das mulheres na sociedade como mães. (Hunt apud Arce, 2001: 170)

Froebel apud Arce (2001) reforçou a existência deste mito ao criar as primeiras instituições para atender a crianças de zero a seis anos fora de casa. Este local, denominado "Jardim de Infância" (e não escola), deveria reunir as características do lar e tinha como responsável pelas crianças uma "substituta" da mãe, que, em sua formação contava com um manual que abordava psicologia do desenvolvimento e religião. Essa substituta era chamada de "Jardineira" e sua real função era a de "cultivar as crianças pequenas":

(...) as Jardineiras devem ser preparadas como medianeiras entre as naturais qualidades educativas da mãe e os naturais reclamos da infância. Desse modo, as jardineiras prestam um auxílio às mães, que se acham impedidas na sua função maternal, porque presas aos afazeres da vida moderna. (Froebel apud Arce, 2001: 171).

Ainda segundo Arce, essa "substituta da mãe" devia ser aquela que cuidava com carinho, paciência, amor e bondade; porém, a função de ensinar não deveria, de forma alguma, caber a essa "jardineira".

Essas concepções que perduram há séculos, permeiam as discussões pedagógicas e as discussões relativas à constituição da profissionalidade docente em geral, e da educadora infantil em particular.

São muitos os embates que se produziram no século passado, acerca das características e funções sociais da docência. Esses embates foram pautados pelas avaliações do exercício da profissão e de seu alcance em termos da formação por ela assegurada às crianças. O fracasso escolar, ou

seja, o fracasso da escola em cumprir seu papel instrucional e formativo, problematizou largamente a figura do professor.

Segundo Nóvoa (1992), a partir da década de 80, os professores foram trazidos para o centro da educação e dos debates, sob o impulso das práticas institucionais de avaliação, que multiplicaram as instâncias de controle sobre o trabalho docente e também despertaram o interesse pelo estudo dessa atividade, em suas condições de produção e de formação básica.

Nesse processo de avaliação e estudo da profissão docente em geral, a crítica ao reprodutivismo, herdeiro das teses de Bourdieu, colocou no centro das discussões as pedagogias críticas que resgatavam a importância do professor e da escola na dinâmica social. Baseadas em um referencial teórico-metodológico marxista, as pedagogias críticas assumiam a tese de que os processos educacionais estão ligados à sociedade; a escola faz do indivíduo alguém, num conjunto de condições que a sociedade, no caso atual, sociedade capitalista compõe. Nessa concepção, portanto, a escola não funciona fora das condições sociais.

Com base nesse pressuposto essas abordagens assinalavam claramente os limites que a organização da escola e do trabalho educativo formal sob a hegemonia das classes dominantes enfrentava, explicitando os vínculos existentes entre o fracasso escolar e as funções sociais reais da escola capitalista. Assumindo que Bourdieu tinha razão ao formular a tese da reprodução, mas se equivocava ao enunciá-la como insuperável, como algo impossível de ser enfrentado, as pedagogias críticas, com base nos princípios da transformação social defendidos por Marx, propunham que sua superação passava pela produção de uma educação comprometida com as classes

populares, que fosse assentada no domínio de habilidades técnicas especializadas e no compromisso político com o trabalho docente.

Mello (1981) assumindo essa orientação teórica, em seu estudo sobre as representações da prática docente, analisou as professoras do Ensino Fundamental e nelas criticou a falta do que ela considerava como sendo as reais competências profissionais ao exercício de uma docência que não atuasse em favor da reprodução, a saber, o domínio de habilidades técnicas especializadas e o compromisso político.

Em sua análise do perfil das professoras, Mello sugeria que a ausência das competências profissionais é camuflada pela afetividade e pelo sentido de doação e de vocação conferidos ao trabalho docente:

Quando não se sabe o que fazer, ama-se. Este seria o princípio norteador (...) do senso comum e da prática do magistério, para o qual contribuiria, em muito, a representação social dessa carreira como própria para a mulher. (...) a condição feminina é um dos elementos que garantem a perpetuação do senso comum, no qual predominam o amor, a vocação e a ausência de profissionalismo. (Mello apud Fontana, 2003: 21).

Destaco essas considerações de Mello por dois motivos. Primeiramente, porque no campo da Educação Infantil, em particular, elas foram, até recentemente, muito fortes, conforme evidenciado pelos estudos de Arce, uma vez que essa modalidade de trabalho educativo esteve vinculada à assistência social, sendo entendida prioritariamente como um serviço de cuidado às crianças cujas mães, por necessidades financeiras, integram-se ao mercado de trabalho, não podendo assumir suas tarefas de maternagem. E em segundo lugar porque um dos efeitos imediatos de seu estudo foi a classificação dos professores em dois grandes grupos: o dos progressistas e o

dos conservadores, que assumiam, de forma acrítica, a visão liberal da educação escolar. Ou seja, de acordo com Mello faltava aos professores conservadores o compromisso político.

Estudando esses embates e a rotulação deles resultante, Fontana (2003: 26-27), destaca que:

Da mesma forma que os perfis do “professor liberal” e do “professor progressista” mediatizavam, de forma explícita ou não, nossa constituição como professores(as), também outras categorizações e “rótulos” como o “professor técnico”, o “professor reproduzidor”, o “professor conscientizador”, “o professor bancário”, o “professor tradicional”, o “professor construtivista” etc., próximos e/ou opostos entre si, portadores de índices de valor social (e portanto de poder) distintos, passaram a fazer parte do nosso jogo de máscaras, interpelando-nos como professores (as), interpelando-nos como sujeitos.

Esses rótulos e todo o embate em que se inscreveram servem para exemplificar como a compreensão que as professoras têm de sua profissão e de si mesmas no exercício dessa profissão não é uma questão de foro íntimo, ou marca de uma subjetividade desgarrada da história. O que pensamos sobre nós mesmos, sobre o outro, sobre nosso trabalho enfim, sobre o mundo em que vivemos e nos produzimos, ainda que se singularize em cada um de nós, produz-se nos acontecimentos no interior dos quais desenrola-se a vida.

Conforme assinala Fontana (op. cit., p. 64):

Os lugares sociais que ocupamos nas relações com os outros marcam o para quê e o para quem de nossas ações e de nosso dizeres, delineiam o que podemos (e não) dizer desses lugares, sugerem modos de dizer... Essas condições explicitam as relações de poder implicadas nas relações sociais. Elas modulam o discurso e o próprio modo de apresentação do sujeito como tal, que vamos produzindo na dinâmica interativa.

Inspirada em Vygotsky e suas teses acerca da constituição social da personalidade, a autora destaca que somos pessoas nas quais nos reconhecemos e, em quem, uma personalidade singular foi e vai se constituindo e desenvolvendo na dinâmica das relações sociais de poder em que se tecem os acontecimentos reais que vivemos. Acontecimentos que, conforme assina Fontana (2000, p.105), tendo por base os estudos de Politzer, *também são singulares no espaço e no tempo e concebíveis apenas quando relacionados com os indivíduos considerados em sua unidade singular.*

Daí podermos afirmar, com Vygotsky, que nosso desenvolvimento caminha para a individualização de funções sociais, ou seja, para a transformação de funções sociais em funções psicológicas. As relações com os outros, nossos modos de agir com e sobre os outros, tornam-se formas de relação e de ação sobre nós mesmos. As relações sociais entre as pessoas são a base genética da personalidade e dos modos como nos significamos e nos situamos no mundo.(Fontana, op. cit., p. 65)

Se nas relações sociais vivemos lugares e papéis sociais distintos e experimentamos os conflitos deles resultantes, também essa diversidade e os conflitos que suscita nos constituem. Conforme explicita Fontana (op.cit., p.66):

*A multiplicidade e o conflito que vivemos nas relações sociais em que nos constituímos também se produzem dentro de nós. Somos uma multiplicidade de papéis e lugares sociais internalizados que também se harmonizam e entram em choque. Cada um de nós não é apenas professor ou professora. Somos também homens e mulheres, negros, mulatos, brancos, brasileiros, estrangeiros em nosso próprio chão, velhos moços, pais e filhos, irmão, esposos, a professora mais antiga da escola, aquela que está iniciando seu primeiro ano de trabalho, a professora militante, a professora não sindicalizada, a professora que dobra período, aquela que não depende do seu salário para viver, etc..*

Da perspectiva da multiplicidade contraditória que constitui a personalidade, os rótulos que marcaram os professores nas décadas de 80 e 90 do século XX, mostram-se inoperantes frente à complexidade da sua constituição social. Cada um de nós “é muitos em um” e esse muitos revela-se em facetas diversas. Como rotular o um que é muitos ou os muitos que estão no um sem reduzir o complexo de relações que os sustentam e significam como significam? Como rotular sem perder de vista as condições a que as facetas e sua composição singular são relativas?

Na pesquisa que realizei nenhuma educadora foi rotulada; coube a cada uma delas enunciar-se, descrever-se e quem sabe descobrir-se e/ou “rotular-se”. No decorrer das entrevistas realizadas com as educadoras encontrei relatadas as lembranças de como era a educação infantil antes, o que se esperava delas e, principalmente, da dimensão profissional que nelas se elaborava e da falta ainda um maior reconhecimento para com essa condição profissional. O nome de babá para educadora infantil, que perdurou durante muito tempo e que ainda emerge nas relações sociais a ela referidas, veio à tona nas entrevistas, levando-me a indagar pelos efeitos de sentido que produzia sobre a profissionalidade e sobre os modos de atuação dessas mulheres? Do mesmo modo, indaguei-me acerca de como as novas exigências para com o profissional da Creche e a própria visão do que é a Creche e o que esperar dela vêm sendo significadas pelas educadoras? De tudo isso recolhi indícios, não para julgar ou classificar minhas interlocutoras, mas para compreender como se percebem e enunciam como profissionais nas condições em que exercem seu papel social de educadoras infantis.

Mais do que uma atitude de respeito, o acolhimento a essa singularidade, conforme aprendi com Vigotski (2000), é uma condição de aproximação do real, visto que não existem processos psíquicos em abstrato, afinal, os sujeitos reais vivem papéis/ lugares sociais distintos. Nesta pesquisa, todas somos educadoras, tanto a pesquisadora-entrevistadora quanto as entrevistadas/ sujeitos da pesquisa. Porém, cada uma reúne em si uma série de particularidades. A profissão é a mesma, mas os anos de experiência, a bagagem cultural, o compromisso social e o modo de refletir sobre determinados assuntos, tudo isso não é igual, nunca. Assim, cada sujeito real vive papéis sociais e ocupa lugares distintos nas relações. No mesmo e único papel social de educadoras, ocupamos lugares sociais distintos quando estamos em interação com a criança, com nossos pares, com a diretora da creche, com a merendeira, com os pais das crianças, com a supervisora da rede municipal de ensino, etc... Tudo tem história, todas as relações são históricas e a história de cada um acontece de acordo com as particularidades dos papéis e lugares ocupados nas muitas e diversas relações.

Foi esse aprendizado que me permitiu redimensionar meu primeiro objetivo em relação a este trabalho, que era o de traçar o perfil das educadoras infantis. Hoje, consigo criticá-lo em seu reducionismo e entender que as generalizações produzidas nos processos de produção do conhecimento são sempre relativas a suas condições de produção. Assim, enuncio, hoje, que me aproximei, com este trabalho, da história de doze mulheres, que têm em comum além da profissão, o gosto pela mesma, além da vontade de, um dia, serem reconhecidas realmente como profissionais da educação, com seus direitos e valores adquiridos.

Na pesquisa, para que se possa apreender a constituição histórica dos sujeitos, é necessário, de acordo com Vygotsky, assumir uma perspectiva metodológica construtiva, ou seja, considerar que o ser humano não apenas se desenvolve, mas constrói a si próprio nas relações sociais de que participa. Neste estudo, busquei me aproximar da construção cultural de cada uma das doze educadoras entrevistadas, levando em conta dados pessoais, escolaridade e formação ou não específica na área, a importância que cada uma confere a sua atividade profissional, o tempo de serviço na área, motivações e desmotivações profissionais, além de perguntar se observaram alguma mudança quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil com crianças na faixa etária de zero a três anos.

Isso significa que estudar o sujeito (educadora), implica em estudar a relação entre os sujeitos (educadoras – comunidade – crianças – administração), lembrando sempre que um indivíduo afeta o outro e é por ele afetado, e que, mais do que considerar apenas o que os sujeitos e seus dizeres parecem significarem si e por si, procurar aprendê-los nas relações intersubjetivas.

Esse exercício exigiu-me, conforme assinala Fontana (op.cit.,p.181), *mudar o modus de focar* e foi, justamente esse, o grande desafio vivido a na pesquisa: ouvir das educadoras os sentidos que elaboram para sua profissão nas relação que estabelecem com os outros; ouvi-las na descrição que fazem de si mesmas, como nomeiam-se, como se entendem enquanto sujeitos-históricos únicos, pertencentes a uma mesma classe de profissionais: aqueles que trabalham com crianças na faixa etária de zero a três anos, que,

independentemente, de serem chamadas de tias, professoras, babás, são educadoras infantis.

Cabe ainda destacar o quanto as teses de Vygotsky ajudaram-me a compreender a importância social e a complexidade do trabalho das educadoras infantis em sua relação com o desenvolvimento das crianças sob sua responsabilidade.

Segundo Vigotski, todo homem é formado pela junção de evolução e história, sendo assim orgânico e cultural, não como justaposição, mas como síntese. Ou seja, a cultura não ignora a dimensão física, corporal daqueles em que se inscreve e transforma, antes, como analisa Oliveira (1995), ancora-se em sua materialidade que define limites e possibilidades para o seu desenvolvimento. Mas essa relação não é de mera adaptação. *O homem transforma-se de biológico em sócio-histórico em um processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana.* (Oliveira, op. cit., p.24)

Essa transformação do próprio funcionamento orgânico humano em funcionamento culturalmente mediado instaura-se e desenvolve-se pela mediação simbólica, ou seja, pela apropriação e elaboração da(s) linguagem(ens) . A esse processo, pelo qual cada geração de seres humanos passa, Vygotsky deu o nome de hominização - transformação de um organismo da espécie *homo sapiens* em ser humano – referindo-se também a ele como desenvolvimento artificial do ser humano, em contraponto ao desenvolvimento natural que é a maturação, de ordem biológica.

O processo de desenvolvimento artificial do ser humano, segundo Vygotsky, é a educação. Ou seja, é nas relações educativas (escolares e não

escolares) que os jovens membros da espécie humana apropriam-se da atividade simbólica e a elaboram mediados por aqueles que já incorporaram a si o funcionamento cultural. A educação é, nesses termos, uma atividade especificamente humana que se desenvolve pela mediação dos signos (semiótica) e do outro (pedagógica).

A tarefa das educadoras infantis inscreve-se, assim, no desenvolvimento da criança. Elas são responsáveis tanto por assegurar as condições adequadas para o seu desenvolvimento orgânico através do cuidar (aliás, o cuidar e o ensinar a se cuidar são fundamentais nessa faixa etária) como também por assegurar o seu desenvolvimento cultural, inserindo a criança nas práticas culturais e no uso das linguagens. É na Creche que a criança dá seus primeiros paços e balbucia, é ali que ela aprende a falar, a viver na coletividade, a pedir, a compartilhar, a se servir, e até (e porque não?) a se defender.

E foi assim que as educadoras descreveram o educador atual nas entrevistas: como sujeito capaz de cuidar do orgânico inserido na cultura e afetado por ela e fundamentalmente como o mediatizador da formação cultural. A compreensão do próprio trabalho nesses termos indicia a apropriação e elaboração em curso de uma concepção não assistencialista da Educação Infantil e não reducionista da criança pequena e do papel da educação na sua vida.

Ao verbalizarem sua atividade como cuidado e educação, as entrevistadas não estão dizendo que essas concepções de educação infantil e de criança já as constituem, mas que já são sentidos que se colocam para elas frente ao próprio trabalho.

Nesses enunciados podem-se considerar indícios daquilo que em psicologia se denomina como consciência e autoconsciência.

Segundo Vygotsky, ambas são produzidas socialmente. A consciência refere-se ao conjunto de significados que tornam-se parte de nós e guiam nossas ações no mundo. Já a autoconsciência é entendida como a capacidade de ter consciência de si mesmo, de se perceber a si mesmo. Ou seja, de enunciar sobre a própria consciência. Ela também se forma/ nasce mediada pelo outro, nas relações sociais. A capacidade de perceber-se a si mesmo, de referir-se a si mesmo só se desenvolve quando o sujeito se expõe ao outro, e vice-versa; assim, afetamos o outro e somos por ele afetados.

Ainda citando Vigotski, Fontana nos esclarece:

(...). Não vimos ao mundo providos de espelhos, mas de pares: a consciência de nossa própria individualidade organiza-se e desenvolve-se em outras relações sociais. Tornamo-nos nós mesmos através dos outros. Ao nascer, cada um de nós mergulha na vida social, na história, e vive, ao longo de sua existência, distintos papéis e lugares sociais, carregados de significados – estáveis e emergentes – que nos chegam pelo outro. (p. 61 – 62).

Foi em busca de indicadores que me aproximassem da consciência que as educadoras infantis têm de si no trabalho que me lancei nesta pesquisa. Os resultados de minhas interlocuções com elas, em que se materializaram em palavras as imagens que têm de si mesmas enquanto profissionais e os significados e sentidos atribuem ao próprio trabalho que realizam é o que apresento a seguir.

## *Capítulo 3*

*Primeiro foco: dados pessoais*

(1976) A CRECHE NÃO É UM CABIDEIRO:



(Tonucci, 1997:38).

### III.I: Identificando: quem são as educadoras entrevistadas?

Assim como crianças que, surpresas e inquietas, nos parques de diversão, jogam com o secreto desejo humano de brincar com a própria imagem na sala dos espelhos, temos vivido o jogo ambivalente de identificação e afastamento diante das faces que nos têm sido devolvidas pelos relatos de investigação e pelos projetos de intervenção produzidos sobre e/ ou a partir de nossa atividade, segundo perspectivas teórico-metodológicas diversas.

(Fontana, 2003: 17).

Nesta pesquisa, em que busquei indicadores dos sentidos que as educadoras infantis elaboram de si mesmas e do trabalho que realizam, deparei-me com a junção de dois olhares em um só: o das próprias educadoras, que se descrevem no trabalho, já mediado pelo olhar de outrem sobre sua atividade. Olhar esse que aparece explicitado nos documentos oficiais e estudos científicos sobre a educação infantil.

Esses dois olhares entrecruzados se davam a ver na entrevistas feitas, das quais resultou um conjunto de enunciados, no quais coube-me perscrutar significados e sentidos por elas elaborados em suas relações com os discursos sobre a educação infantil, com as práticas históricas da educação infantil, com as práticas cotidianas, com as rotinas das creches, com as disputas, negociações e relações de camaradagem que travam com seus pares, com as crianças, com suas famílias, com a hierarquia do trabalho em que sua atividade se inscreve, etc.

Deparei-me com um material volumoso e um exercício de análise complexo. Neles me aventurei, movida mais pelo desejo de aprendizado do que pelo encontro de respostas a minhas indagações iniciais.

Inicio a apresentação dos achados do estudo através do que denominei dados pessoais.

- Idade: todas as entrevistadas são maiores de dezoito anos, fator este, aliás, indispensável para concorrer ao cargo de educadora infantil. Todas as entrevistadas são mulheres, outro aspecto exigido para o cargo.

Tabela de idades: ( 5 ) até 25 anos

( 2 ) até 30 anos

( 2 ) até 35 anos

( 3 ) acima de 36 anos

- Estado civil: das doze entrevistadas, 50% são solteiras, 33% são casadas, e o restante ( 2 entrevistadas) se dividem entre amaziada e divorciada, conforme segue:

( 6 ) solteiras

( 4 ) casadas

( 1 ) amaziada

( 1 ) divorciada

- dentre as doze entrevistadas, cinco têm filhos.

- a escolaridade das entrevistadas se divide da seguinte maneira:

( 2 ) até a 4ª série do Ensino Fundamental

( 2 ) até a 6ª série do Ensino Fundamental

( 1 ) até a 8ª série de Ensino Fundamental

( 1 ) Ensino Médio Nível Técnico – Magistério

( 1 ) Ensino Superior – Normal Superior

( 3 ) Ensino Superior – Pedagogia

( 2 ) Pós- graduação ( Psicopedagogia – cursando)

## *Capítulo 4*

*Segundo foco: formação profissional*

(1980) UMA TROCA DE FRALDAS:



(Tonucci, 1997:41).

## IV.I: A forte presença feminina na profissão professor de Educação

### Infantil

Minha mãe falava: "Profissão de mulher é professora, não tem outra coisa, e fazendo Magistério acabou! Não precisa ficar pensando em estudar mais não, porque mulher sendo professora e casando, está bom demais!"

(Assunção, 1996: 17).

Assunção (1996) em seu livro "Magistério primário e cotidiano escolar" questiona quais seriam os principais motivos que levam as mulheres a optarem pelo magistério e nele permanecer em tempos em que a profissão vem sofrendo contínuo e rápido processo de desvalorização. Em seu estudo ela identificou alguns aspectos que influenciaram essas mulheres-professoras na escolha de sua profissão.

Dentre estes aspectos estão: a mãe (implícita ou explicitamente); o fato de gostarem de crianças e o desejo da família. A grande interferência da mãe, segundo Assunção, revela uma certa "imposição da escolha", marcada tanto pelo gênero – em que o ser mulher encontra-se calcado na submissão –, quanto pela condição de classe. Nesse aspecto, o discurso das mães parece capotar na direção do desejo de que "as filhas fossem o que as mães quiseram ser e não puderam", ou de que conseguissem condições de vida melhores do que elas tiveram. E, segundo Assunção (1996) atendendo aos apelos feitos pelas mães, essas filhas

(...) não se transformaram apenas em "donas de casa". São professoras! Mas são também donas de casa – mães – professoras. Enfim, são mulheres diferentes de suas mães. Diferentes, mas nem tanto... (p. 23).

Na pesquisa feita, dentre os principais motivos de as entrevistadas terem escolhido o cargo de educadora infantil como profissão, encontramos duas entrevistadas que disseram que sempre gostaram da área da educação e de observar o desenvolvimento infantil, como no caso abaixo:

(MD): "Sempre quis conhecer o desenvolvimento da criança. Pensei então em fazer o curso de Psicologia ou de Pedagogia, pois pesquisei e vi que essas duas áreas estudavam o desenvolvimento da criança. Aí eu prestei vestibular para esses dois cursos, mas passei apenas em pedagogia".

Outras cinco entrevistadas disseram que seguiram esta profissão por acaso, porque preenchiam os requisitos necessários para prestar o concurso, como, por exemplo:

(NS): "Na verdade não escolhi ser professora. Fui fazer o curso de Pedagogia para ver como era, sem saber que trabalharia na área escolar. Depois foram aparecendo oportunidades de trabalho nessa área e estou experimentando".

(NT): "Esse aqui foi meu primeiro emprego fixo, antes eu fazia uns biquinhos na casa de um e de outro. Sempre gostei de trabalhar com gente, na época era uma vaga que dava pra eu prestar, tinha que ser mulher e ter 4ª série. Arrisquei e deu certo!"

Duas entrevistadas que se justificaram pelo fato de gostarem de crianças, como no caso abaixo:

(NH): "Escolhi essa profissão porque sempre tive paixão por crianças".

E ainda uma por influência materna:

(BO): "No primeiro momento a escolha da minha profissão foi por influência materna, depois descobri o gosto que tinha pela mesma".

Com relação às exigências que se colocam hoje ao profissional que atua na educação infantil, as doze entrevistadas destacaram em seus enunciados a superação do mero cuidar, no trabalho com crianças de zero a três anos. Todas mencionaram que hoje o trabalho desenvolvido nas Creches vai muito além do assistencialismo, e já se vêem como profissionais da educação, com o objetivo maior de dar à criança a oportunidade de ir além do que ela já sabe. Admitem ainda que mesmo a até então acreditada condição de que ser mulher e ser mãe basta para saber cuidar de crianças já está ressignificada e as próprias profissionais entrevistadas admitem que não basta cuidar e ter carinho apenas e que atenção à formação e desenvolvimento da criança são indispensáveis para a realização de um bom trabalho.

(BE): “Acredito que a formação mesmo e ser visto como um educador, porque antes o profissional da educação infantil era visto só como uma pessoa que só cuidava da criança; não tinha esse trabalho pedagógico que hoje tem. Então eu acho que isso foi o que mais mudou, essa exigência que eu acho necessária; porque nós não somos mães, somos professoras, educadoras. Não “tamo” lá só brincando com as crianças. Atrás do brincar tem um “porquê”.

(MD): “Nós progredimos um pouquinho nos últimos anos. Atualmente é necessário uma formação específica, o magistério, no mínimo, para atuar na área. Há alguns anos acreditava-se que qualquer pessoa, de preferência mulher, que simplesmente gostasse de crianças poderia e estaria apta a trabalhar com crianças de zero a três anos em creches”.

(NH): “Vejo que muita coisa mudou. Há alguns anos atrás a Creche era somente assistencial e hoje o trabalho é totalmente diferente. Acho as exigências necessárias porque favorecem a criança”.

(NS): "Na Creche hoje se exige muito mais das educadoras do que há alguns anos, pois antes elas apenas tinham que cuidar das crianças, sem se preocupar com a parte pedagógica e hoje se exige pelo menos o magistério para trabalhar no local. As educadoras têm que estar aptas para planejar e executar a parte pedagógica, além de se preocupar com os cuidados necessários que as crianças pequenas exigem".

(NT): "Ah, antes a gente não precisava ficar escrevendo tanta coisa, não era tão cobrado... A gente ficava olhando as crianças pra elas não se machucarem, trocava, dava comida. Hoje não, hoje você tem que fazer bastante atividade, contar histórias, ensinar eles a se cuidar, a se desenvolver".

No entanto, há aquelas que mesmo não tendo a formação específica não manifestam interesse em buscá-la.

Uma questão que me chamou a atenção foi aquela dirigida às educadoras que não tinham formação específica na área. Perguntadas sobre o desejo de terem essa formação profissional, suas respostas foram negativas.

(TE): "Honestamente não". (Por quê?) "Ah, o meu objetivo mesmo é de cursar radiologia e trabalhar na área da saúde. Não que eu não goste do que eu faço, eu adoro... Mas que se for pra estudar, eu quero algo na saúde".

(NT): "Se eu não tivesse engravidado tão cedo, quem sabe, né? Mas eu gosto mesmo é da prática, do contato com as crianças. Essa frescura de papelada de planejamento, de avaliação do grupo, depois individual, disso aí eu não gosto não... Vocês estudam pra ser diretora, coordenadora. Eu não, gosto mesmo é das minhas crianças".

(BM): "Olha, sinceramente não. Até mesmo porque se eu quisesse eu já tinha feito. Uma vez, não, vários anos, veio o pessoal da Secretaria (de

Educação) oferecer pra gente ir se especializar, ir aqui no CEMEP fazer o magistério, algumas meninas, que nem a RG, a MG, a MJ, até que foram, mas eu não me interessei não”.

(UU): “Ah, não. Eu parei de estudar já faz tempo”.

(SS): “Eu não tive muita oportunidade pra estudar não”.

Embora na cidade onde esta pesquisa foi realizada, só seja permitida a presença de profissionais femininos na Educação Infantil, dando-se destaque à expressão “unicamente feminino”, para se referir a esta profissão: “educadorA infantil, chamou-me a atenção o fato de que as entrevistadas não atribuem essa prevalência do sexo feminino a fatores naturais. Em suas respostas elas indicaram que a afirmativa de que toda mulher gosta de crianças, e por isso tem maior facilidade e habilidade para lidar com elas não passa de um grande mito.

Como o gênero não se constitui pela presença física, mas, muito mais, pelas relações simbólicas entre os sexos, conforme analisa Assunção (op.cit., p.02), a presença maciça da mulher na educação infantil ressalta a ausência do homem. E é por meio da prática e das representações manifestas pela professora que se verifica como a cultura do gênero se expressa.

No caso das entrevistadas, foi possível reunir indícios de que, entre elas, já circula uma outra forma de conceber a trajetória social da mulher. Algumas delas revelaram que o que querem para si não é necessariamente casar e construir uma família. Muitas preferem primeiro se realizar profissionalmente, e estão se casando cada vez mais tarde. Há ainda as que passaram a assumir que não querem e nunca quiseram ter filhos,

desmistificando a idéia de que toda mulher tem por maior sonho a maternidade e que, por conseguinte, são ótimas educadoras infantis.

Nesta pesquisa aproximações do tipo exercício profissional na educação infantil e maternidade não se sustentam, porque das doze entrevistadas, apenas cinco têm filhos, ou seja, aproximadamente quarenta por cento.

Considerando-se que atualmente uma das exigências para o exercício da profissão é a formação específica, um dado que se destacou na pesquisa foi o fato de que entre as educadoras que têm filhos, apenas uma tem formação específica na área em que atua (Ensino Médio Modalidade Normal – Magistério), enquanto dentre as outras sete entrevistadas que não têm filhos, apenas uma não tem formação específica, sendo que as outras seis entrevistadas têm Nível Superior completo (Pedagogia ou Normal Superior), e dentre essas seis entrevistadas, três estão continuando seus estudos, fazendo especialização na área educacional.

Esses dados confirmam a análise de Assunção de que a associação que se faz entre educação de crianças e mulher não é tão "natural" como se crê: trata-se de um movimento social, político, histórico e econômico que emerge com o capitalismo (op.cit.p 04), e, eu acrescentaria, que se reconfigura na dinâmica social.

## *Capítulo 5*

*Terceiro foco: realização profissional*

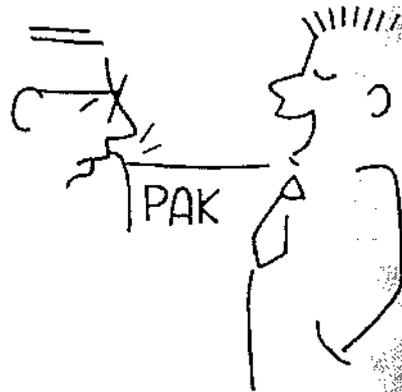
(1975) O TRABALHO DO PROFESSOR:

E TRATE  
DE GANHAR  
MAIS DINHEIRO!

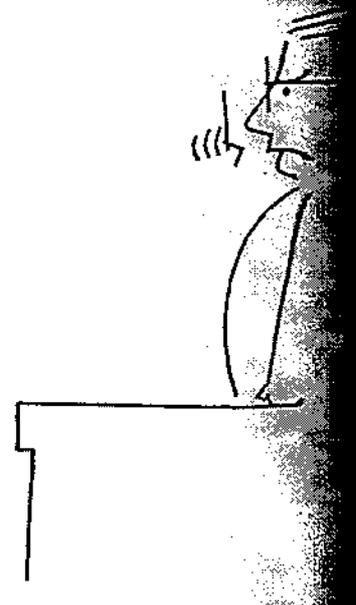
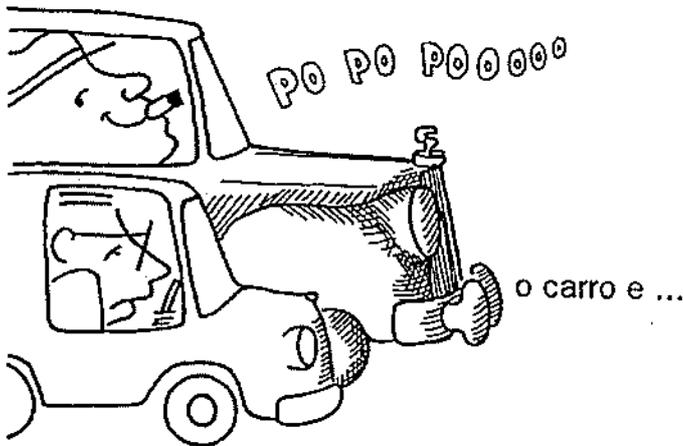


a esposa

TUDO BEM?  
AMANHÃ EU VIAJO.  
VOU ESQUIAR...



os amigos



(Tonucci, 1997: 146)

## V.I: Os melhores aspectos (e o que não é tão bom assim) na profissão – professor

"Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores".

(Cora Coralina)

Perguntadas sobre as suas maiores realizações na carreira, as entrevistadas aproximaram-se de resultados já apreendidos em pesquisa realizada por Paula (2004), também com educadoras infantis. Naquela pesquisa, como nesta, as educadoras apontavam que as trocas de carinho e a atenção das crianças eram as maiores satisfações nesta profissão.

(BE): "(...) só de ver o rostinho deles sorrindo pra gente, ver que eles aprenderam alguma coisa com você, que você ensinou, que eles às vezes estão falando do jeito que você fala, nossa, não tem dinheiro que pague, né? É uma gratificação enorme, você ver aqueles rostinhos olhando pra você como exemplo, "nossa é a professora", né? é aquela fissura e isso é tudo..."

(UU): "Ter o amor e o carinho das crianças".

A satisfação em poder observar e participar do crescimento das crianças é também outro ponto que merece destaque:

(MD): "Minha maior realização no momento é ver ao final de um período ou de um dia apenas que a criança progrediu, seja no desenvolvimento motor, no desenvolvimento da linguagem, no comportamento com o grupo, ou seja, na superação de alguma dificuldade qualquer das áreas do conhecimento".

(NK): "Me sinto realizada quando no dia-a-dia vejo o progresso das crianças, seu crescimento, desenvolvimento, se tornando um ser humano que no futuro será uma pessoa mais feliz e saber que tive uma pequena participação e contribuição nisso".

(OM): "Poder acompanhar o desenvolvimento dos meus alunos, esse semestre com a minha aluninha com síndrome de down foi muito gratificante, o quanto ela desenvolveu a linguagem principalmente, essas coisas que nos fazem não querer seguir outra profissão".

No entanto, dentre as expectativas das profissionais entrevistadas tanto por Paula, quanto por mim, entre as frustrações destacava-se o desejo por um maior reconhecimento externo e pela valorização do profissional de Educação Infantil.

Esse tipo de afirmativa já se destacava no estudo de Assunção com as professoras do ensino fundamental. Muitas delas declaravam que mais do que monetário o valor que atribuíam e esperavam ver conferido a sua função era outro: o reconhecimento social da magnitude e da importância da educação básica.

Segundo Assunção algo que incomodava e muito as professoras primárias advinha do fato de terem que se deparar, cotidianamente, com a ambigüidade de valores sociais, visto que, ora eram supervalorizadas por serem responsáveis pela "base de tudo", ora ridicularizadas por "trabalharem apenas com crianças".

Nas entrevistas que fiz com as educadoras infantis, ficou notório que o principal motivo delas terem pensado em mudar de nível de ensino foi o fato de quererem ser reconhecidas como professoras. Admitiram que apesar de

ganharem muito bem, não há reconhecimento nem valorização social da função que exercem:

(NS): "Hoje penso em trabalhar na Emei, para poder exercer o cargo de professora e ter os direitos da categoria".

(MD): "Há um grande desconhecimento da importância do período da educação infantil na vida de um indivíduo por parte dos pais, da família e da sociedade atual e, conseqüentemente a desvalorização ou a não valorização do profissional e do trabalho em si".

(NK): "Na verdade, não via na época a minha função como docente. Babá e Creche até então não eram função docentes. Era puro assistencialismo priorizando o cuidar e não o educar. Mesmo hoje, apesar das leis, em muitos lugares a Creche não é vista como escola e muito menos suas profissionais. Na verdade a profissão docente de Creche e a própria Creche, ela ainda está sendo formulada, sendo um assunto muito recente, principalmente do ponto de vista histórico. E a própria sociedade vê a Creche como um depósito de crianças. A própria valorização da criança como ser em desenvolvimento e autônomo é bem recente. Existe muito trabalho para ser feito para que tudo isso seja mudado. A própria situação/ condição da Creche deixa os professores inseguros e apreensivos do ponto de vista profissional e político. Mas com certeza hoje minha concepção em relação ao início mudou da água para o vinho. Aprendi a valorizar meu trabalho e a profissão e torço para que a Creche seja reconhecida em sua totalidade de acordo com a sua importância na vida da criança".

De acordo com a pesquisa realizada por Paula (2004) o espaço físico precário e o alto número de crianças por adulto são os principais motivos de

insatisfação por parte das professoras. Na cidade onde a pesquisa foi realizada, embora haja um número limite de crianças numa turma de maternal (com idade entre um ano e três meses à dois anos e três meses), que varia de seis a oito crianças, a norma nem sempre é respeitada, havendo turmas com até doze crianças.

Nessas condições, a queixa e a crítica apreendidas por Paula, em seu estudo, também se evidenciam.

(BM): “ (...) quando tem muita criança fica mais complicado”.

Outras duas insatisfações apontadas são aquela gerada pela dificuldade em conciliar a prática – o que realmente conseguem realizar – com a intenção pedagógica – o que gostariam de realizar e a dificuldade gerada pela grande distância entre a Administração Pública e os funcionários, que as levam a reclamar das burocracias.

(BE): “Frustração maior assim é você não alcançar mesmo o objetivo com alguma coisa que você planejou, você chega e acha que vai dar uma aula maravilhosa e na hora não deu certo, então, eu acho que essas aí é que são as maiores frustrações (...) as atividades que planeja e não dá certo”.

(BM): “Não conseguir realizar o trabalho que desejo”.

(OM): “(...) quando eu planejo alguma atividade achando que eles vão amar e interessar e na hora de aplicar não sai nada como planejei”.

(NS): “Acredito que as minhas frustrações estejam ligadas com as diferentes visões de educação dentro das escolas, inclusive da creche, pois sei que algumas coisas poderiam ser facilitadas se algumas regras fossem mais flexíveis. Acredito numa educação menos autoritária, rígida, que respeite

realmente as necessidades da criança e ainda não encontrei uma escola assim”.

A imagem da formação específica é contraditória nos enunciados das educadoras, tanto daquelas que tiveram acesso a ela quanto as que não tiveram. Para as educadoras com formação específica, foi perguntado: Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

(MD): “O curso de pedagogia me deu uma base para o trabalho, mas resolvi fazer um curso mais específico de educação infantil (faço o PROEPE) pois acredito que a faculdade apenas não me deu todo o conhecimento necessário para trabalhar com essa faixa etária. Foi depois que eu comecei a trabalhar com Educação infantil que pude perceber que me faltava conhecimentos para atuar nela. Enfim, o curso de graduação é bastante superficial na área de educação infantil, mas não deixa de dar uma boa base para iniciarmos um trabalho pedagógico de qualidade.

Penso que foi através da prática que consolidei todo conhecimento adquirido na Universidade. É no dia-a-dia que posso ver se tal teoria funciona ou não, o que posso mudar, o que devo melhorar, enfim, é através de tentativas e erros que aprendo (ou pelo menos tento) melhorar a minha prática”.

(NK): “Acredito que minha formação específica auxilia no trabalho docente, mas apenas na teoria, para que eu possa ter suporte para ser usado na prática. Mas nem sempre a prática e a teoria na educação caminham juntas, o que deixa uma grande lacuna na atuação profissional. Gostaria que os

assuntos relacionados a problemática do dia-a-dia da sala de aula fossem mais aprofundados no curso de formação específica.

(BE): "Acredito que sim, enriquece muito, porque no magistério a gente tem o início da fundamentação teórica, e com a Pedagogia essa fundamentação vai ficar cada vez mais rica, e então eu acredito que possa me ajudar muito na prática".

(NH): "Tenho certeza que a minha formação auxilia muito o meu trabalho, porque muita coisa que transmito às crianças devo aos meus estágios e minhas aulas".

(BO): "Sim, a formação específica não só é útil, mas sim essencial, pois prepara e dá alicerce para resolver conflitos que surgem na prática e no dia-a-dia".

(OM): "Auxilia bastante. O meu curso me preparou bastante para a atuação, com dicas de atividades, com o entendimento da faixa etária através da Psicologia da Educação, enfim, eu acredito que toda a grade do curso foi muito bem aproveitada para o meu trabalho hoje com as crianças".

(NS): "A minha formação em Pedagogia auxilia bastante no meu trabalho, principalmente em relação ao entendimento do desenvolvimento da criança, do papel do educador e da escola na formação desta. Além disso, durante a formação aprendi a ter um olhar mais complexo sobre a escola, a comunidade e a sociedade em geral".

Já para as educadoras sem formação específica na área, independentemente do grau de ensino que cursaram, foi feita a seguinte pergunta: Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua?

(TE): “Ai, essa aí eu não vou responder não, vou deixar pra vocês que são “estudadas”. Só sei que se eu achasse fundamental a formação, tinha ido fazer. Não tenho e “tô” aqui até hoje. Tem gente com uma “puta” faculdade que nem agüentou ficar, e tem gente que só porque tem diploma de professora acha que é melhor... “Mais” vem ver na prática como que é.

(NT): “Se eu não tivesse engravidado tão cedo, quem sabe, né? Mas eu gosto mesmo é da prática, do contato com as crianças. Essa frescura de papelada de planejamento, de avaliação do grupo, depois individual, disso aí eu não gosto não... Vocês estudam pra ser diretora, coordenadora. Eu não, gosto mesmo é das minhas crianças”.

(UU): “Ah, não. Eu parei de estudar já faz tempo”.

(SS): “Eu não tive muita oportunidade pra estudar não”.

(BM): “Olha, sinceramente não. Até mesmo porque se eu quisesse eu já tinha feito. Uma vez, não, vários anos, veio o pessoal da Secretaria (de Educação) oferecer pra gente ir se especializar, fazer o magistério, algumas meninas, que nem a SH, NH, a NK, até que foram, mas eu não me interessei não”.

Nota-se assim que, dentre as educadoras infantis entrevistadas, há fortes traços de uma ambigüidade quanto a necessidade ou não de uma formação específica na área em que atuam. As educadoras que não têm tal formação justificam essa ausência por fatos pessoais (como falta de oportunidade e gravidez precoce, por exemplo) ou ainda, por falta de interesse, sem deixar de ressaltar a idéia de que, no dia-a-dia com as crianças, o que vale mesmo é a prática. Evidencia-se também o não agrado para com o registro da parte pedagógica (planejamento, registro das atividades, avaliação

individual das crianças, entrevistas...) que, mesmo sem ter a formação, lhes é exigido, e elas o fazem.

As educadoras que têm a faculdade de Pedagogia ou o Magistério acreditam, sem exceção, que a formação específica auxilia sim o trabalho docente, observando que, às vezes, há uma grande distância entre o que se aprende e o que se vivencia, entre a teoria e a prática, entre o que se quer fazer e o que se é permitido fazer. Porém, percebem que estas lacunas da formação que se evidenciam, resignificam e se completam na prática.

As educadoras que não têm tal formação vêm nos pares a dificuldade para lidar com as situações cotidianas e se indagam acerca da necessidade de receber essa formação, ficando com a sensação de que a dimensão prática pode dar conta sem a dimensão teórica, esquecendo-se de que muito das teorizações chegam-lhes através das colegas com tal formação.

Válido mesmo é lembrar que, sozinhas, prática e teoria não são tão eficazes quanto juntas.

## *Considerações Finais*

A primeira idéia que me moveu para este trabalho foi a de traçar um perfil das educadoras infantis. Projeto ingênuo, se pensado o alcance que eu teria para, em um Trabalho de Conclusão de Curso, abranger uma amostra numericamente significativa para justificar o tal do perfil. Revisto e re-orientado, vejo, hoje, o muito que ele me ensinou não só sobre as educadoras infantis, mas sobre o processo da pesquisa.

Dentre tudo o que foi aprendido nesse processo, julgo interessante destacar as possibilidades de compreensão abertas pelo enfoque da constituição da identidade docente, como um modo de explicar a formação da profissionalidade com base no funcionamento psicológico de base histórico-cultural.

Dessa perspectiva, a idéia de perfil profissional, embora seja importante e cumpra um papel no trabalho de conhecimento dos profissionais de educação, mostra-se redutor, na medida em que fixa traços imediatos de um sujeito que na realidade é um complexo processo.

Primeiramente, porque toda forma de educar conhecida e vivida influencia o trabalho hoje desenvolvido. A educadora atual se vê/ é esse processo; porque o hoje não está sem o que foi vivido ontem e sem os projetos de futuro.

E, em segundo lugar, porque não existem características profissionais em abstrato. Os processos psíquicos em que tais características se produzem e se desenvolvem nascem da dinâmica entre papéis e lugares sociais distintos, que os sujeitos reais vivem. Todas somos educadoras, mas cada uma com uma série de particularidades; eu, por exemplo, sou a educadora que realizou esta

pesquisa; a outra é a educadora com 20 anos de experiência; a outra é a educadora que está com problemas na família...

Assim, tudo tem história. Cada traço apreendido nas educadoras infantis inscreve-se numa teia de relações que eu mesma ainda não dei conta de abarcar. É através do que lêem, vêem e vivenciam diariamente na prática de outras educadoras, coordenadoras e direção, que as educadoras alteram seu modo de ver e de praticar suas ações.

Ao considerar essa teia de relações, olho para os elementos que consegui reunir e discutir, percebendo que são parciais e que representam uma primeira aproximação da complexidade em que vêm se constituindo. O profissional está em desenvolvimento porque as relações sociais são constantes, e, portanto, a personalidade está sempre em processo de constituição.

Na provisoriedade desse processo de aprendizado e de aproximação dos processos em que as educadoras infantis estudadas vêm se constituindo foi-me possível apreender indicadores:

- da superação do mero cuidar como caracterizador do trabalho educativo com crianças de zero a três anos de idade. Ainda que no plano do discurso, uma vez que tive acesso ao que se enunciou e não ao que se pratica diretamente, essa idéia está em elaboração, visto que todas as entrevistadas mencionaram que hoje o trabalho desenvolvido nas Creches vai muito além do assistencialismo, e já se vêem como profissionais da educação, com o objetivo maior de dar à criança a oportunidade de ir além do que ela já sabe.

- da superação da idéia de que ser mulher e ser mãe basta para saber cuidar de crianças. As próprias profissionais entrevistadas admitem que não

basta cuidar e ter carinho apenas, e que atenção à formação e desenvolvimento da criança são indispensáveis para a realização de um bom trabalho;

- da superação da idéia de que a prevalência do sexo feminino nesta profissão se explica com base em fatores naturais.

Os indicativos de elaboração da superação dessas três grandes idéias acerca da educação infantil representam uma possível guinada em favor da profissionalização docente que vem marcando as políticas de formação a partir da segunda metade do século XX.

Como assinala Assunção (op.cit.,p.90), em seu estudo sobre as mulheres envolvidas no magistério primário:

É vital que a permanência da mulher no magistério supere o discurso e as justificativas biológicas, psicológicas, morais, religiosas... Não que a mulher não possa e não deva estar nesse lugar e lutar por isso, mas que isso seja feito tendo o olhar voltado para as dimensões históricas, sociais, culturais e inconscientes presentes e atuantes em nossa sociedade.

## *Referências Bibliográficas*

- ARCE, Alessandra. Documentação Oficial e o Mito da Educadora Nata na Educação Infantil. In: Caderno Cedes nº 113, pp. 167 – 184, julho/ 2001.
- ARCHANGELO, Ana. Amor e ódio na vida do professor: passado e presente na busca de elos perdidos. São Paulo: Cortez, 2004.
- ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Magistério primário e cotidiano escolar. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- BRASIL. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96, de 20 de dezembro.
- BRASIL. (1997). Referencial Pedagógico-Curricular para a Formação de Professores da Educação Infantil e séries Iniciais do Ensino Fundamental (documento preliminar). Brasília, MEC/SEF/DPE/CGEP.
- BRASIL. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF.
- FERRARI, Márcio. Um novo olhar para a Educação Infantil. In: Revista Nova Escola. Editora Abril. Número 175. Setembro 2004.

- FILHO, Arthur Fonseca. Escola particular e pública têm a mesma meta: qualidade. In: Revista Nova Escola. Editora Abril. Número 176. Outubro 200, p. 20 – 22.
- FONTANA, Roseli A. Cação. Como nos tornamos professoras? 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GENTILI, Paola. Escola boa é aquela em que todos aprendem. In: Revista nova Escola. Editora Abril. Número 173. Junho/ julho 2004. p. 24 – 28.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAY, Tim. Pesquisa Social: questões, métodos e processos. Carlos Alberto Silveira Netto Soares (trad.). 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MASSI, M. Vida de Mulheres: cotidiano e imaginário. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- MELLO, Guiomar Namó de. Magistério de 1º grau – da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1981.
- NACIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. Os profissionais da Educação Infantil e a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: FARIA,

Ana Lúcia Goulart de. PALHARES, Marina Silveira. (orgs.). Educação Infantil Pós- LDB: Rumos e desafios. 4ª edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados – FE/ Unicamp; São Carlos, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2003.

- NÓVOA, A. (org.). Vidas de professores. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.
- ONGARI, Bárbara. A educadora de creche: construindo suas identidades. Fernanda L. Ortale e Ilse Paschoal Moreira (trad.). São Paulo: Cortez, 2003.
- PAULA, Thatiana Roberta. "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...": monitoras de creche: um olhar para si. Campinas, SP: 2004.
- TONUCCI, Francesco. Com olhos de crianças. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- ZABALZA, Miguel A. Qualidade em educação infantil. Beatriz Affonso Neves (trad.). Porto Alegre: Artmed, 1998. pp. 26 – 29.

## *Anexos*

(Transcrição da 1ª entrevista – realizada dia: 15/10/2006):

- Idade;
- Estado civil;
- Número de filhos;

Meu nome é BE, eu tenho 23 anos, sou solteira, eu tenho formação no Magistério no Ensino Normal e faço Pedagogia, eu "tô" me formando esse ano. Não tenho filhos.

- Escolaridade;
- Possui formação específica na área em que atua (educacional)? Qual?
- Em caso positivo:

Em que nível? (médio, superior, pós...);

Essa formação foi dada em escola pública ou privada?

Quanto tempo durou?

Fiz magistério em escola pública, no Cemep, em Paulínia, com duração de 4 anos.

A faculdade é particular, Unasp, em Engenheiro Coelho e a duração é de três anos.

- Você acha q essa formação específica vai te auxiliar no trabalho docente?

Acredito que sim, enriquece muito, porque no magistério a gente tem o início da fundamentação teórica, e com a Pedagogia essa fundamentação vai ficar

cada vez mais rica, e então eu acredito que possa me ajudar muito na prática  
(espero que seja...).

- Tempo de serviço na área;

Eu trabalho há um ano na educação infantil, antes disso, trabalhei no Ensino Fundamental.

- O q você aprendeu da sua profissão no exercício do trabalho?

Que a prática é completamente diferente da teoria, não que a teoria não ajude, pelo contrário, ajuda. Só que a prática é muito mais dinâmica, é muito mais afetiva do que teórica.

- Qual a relevância do trabalho na sua formação como profissional?

Difícil... Então, pela prática ser diferente da teoria, uma complementa a outra. Não que a prática seja totalmente diferente da teoria, mas não tem como ser idêntica. Então a prática complementa a teoria. Muitas vezes em uma discussão em sala de aula de alguma corrente teórica, de um conteúdo, a gente trás experiências da prática, e mostra que o que está sendo falado, não é exatamente como está sendo falado, que tem muita coisa diferente, que tem como melhorar.

- Por que da escolha dessa profissão?

Eu sempre gostei da área da educação sem saber, desde criança. Brincava de professora tudo. Mas eu imaginava que nunca seria professora. Tenho professoras na família, que acho que incentivou eu ir... Deu como exemplo

mesmo.. Eu comecei a fazer magistério pela minha mãe, que me inscreveu, fez a minha inscrição e eu passei, comecei a fazer e comecei a gostar, e aí eu vi que era isso que eu queria mesmo, quando a gente começou a fazer estágio, e tudo...

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê? Que eu poderia mudar tudo, que eu ia mudar totalmente a estrutura da educação e eu vi que não era bem isso, que não dependia só de mim. Eu imaginava que eu ia transformar, né? Essa imagem não é a mesma que eu tenho agora. E a diferença é que a gente vê que não depende só da gente, que a gente pode até querer, mas que tem pessoas superiores a nós que às vezes impedem isso. A gente tem idéias novas, a gente chega querendo mudar e já barra.
- Em algum momento já pensou em mudar de carreira? Por quê? Qual seria a nova profissão escolhida? Por quê?  
Pensar, eu pensei, mas eu não me identifico, por vários outros motivos; então a que eu acho que eu mais tenho como exemplo mesmo que eu me dou bem mesmo é na área da educação.
- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?  
Ah, já. Às vezes a gente sai assim da escola arrasada, mas aí depois você para e pensa – mas eu vou desistir pra quê? É isso que eles querem da gente,

que a gente desista, que a gente não seja uma pessoa diferente. Mas eu paro e falo não: eu vou em frente.

Essas desmotivações mesmo, que a gente vai, quer fazer diferente e a pessoa te coloca lá embaixo, a dificuldade mesmo de cada dia no serviço e você não tem apoio, então isso vai deixando você vai ficando cada vez mais descrente do seu trabalho, você fica se achando um nada, aí você para e se diz que não, que você não tá ali por causa dessas pessoas, mas por aqueles que a gente gosta, pelos nossos alunos, por eles que a gente faz tudo isso.

- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?

É riquíssimo, é impagável, não tem dinheiro no mundo que pague. As pessoas acham que é fácil, porque, por ser meio período, seis horas, o que for, é tranquilo, mas não, é uma responsabilidade muito grande, são pessoas, meninhas e menininhos que estão ali se espelhando na gente, então a gente é exemplo, então é uma responsabilidade muito grande.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Ah, já, só de ver o rostinho deles sorrindo pra gente, ver que eles aprenderam alguma coisa com você, que você ensinou, que eles às vezes estão falando do jeito que você fala, nossa, não tem dinheiro que pague, né? É uma gratificação enorme, você ver aqueles rostinhos olhando pra você como exemplo, nossa é a professora, né, é aquela fissura e isso é tudo...

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Frustração maior assim é você não alcançar mesmo o objetivo com alguma coisa que você planejou, você chega e acha que vai dar uma aula maravilhosa e na hora não deu certo, então, eu acho que essas aí é que são as maiores frustrações, acho que por estar no início da carreira ainda não tive uma frustração maior, é mais com as atividades que planeja e não dá certo.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Acho que sim, eu faço de tudo para estar sempre me atualizando, não penso em parar de estudar, estou sempre em busca do novo, de estar assim enriquecendo. Por que a educação é uma coisa que muda muito, então a gente não pode para no tempo; que nem eu fiz o magistério e só com ele hoje não pensaria como estou pensando. Então eu faço Pedagogia, depois uma pós, quem sabe um mestrado...

Estou me sentindo realizada sim. A principio sim, pra começo ta bom. Mas a gente sempre quer mais, né? Mas pra frente eu vou ver...

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Acredito que a formação mesmo e ser visto como um educador, porque antes o profissional da educação infantil era visto só como uma pessoa que só cuidava da criança; não tinha esse trabalho pedagógico que hoje tem. Então eu acho que isso foi o que mais mudou, essa exigência que eu acho necessária; porque nós não somos mães, somos professoras, educadoras. Não "tamo" lá só brincando com as crianças. Atrás do brincar tem um "porquê".

(Transcrição da 2ª entrevista – realizada dia: 30/10/2006):

- (TE), me fala um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Bom, eu tenho 29 anos, sou casada e tenho dois filhos (e tem mais um a caminho...). Tinha começado a fazer o Nível Médio, mas não acabei, preferi cuidar dos meus filhos (minha mãe já fica com eles para eu trabalhar quando eles não têm aula ou quando estão doentes. Não queria abusar tanto dela, né?).

- Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua?

Honestamente, não.

- Por quê?

Ah, o meu objetivo mesmo é de cursar radiologia e trabalhar na área da saúde. Não que eu não goste do que eu faço, eu adoro... Mas que se for pra estudar, eu quero algo na saúde.

- Há quanto tempo você trabalha na Creche?

Ah, já tem mais de seis anos.

- O q você aprendeu da sua profissão no exercício do trabalho?

Bom, muitas coisas boas. Adquiri conhecimento sobre a educação infantil, sobre suas propostas de trabalho com a criança, a necessidade de que

cada fase da vida de uma criança seja trabalhada com o objetivo de desenvolvê-la psicologicamente, socialmente, e tudo mais...

- Por que da escolha dessa profissão?

Eu já trabalhava em uma escolinha particular com bebês de três à dezoito meses. Achei que seria ideal investir em algo que já conhecia... Resumindo, uni o útil (precisava sustentar meus filhos) ao agradável...

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Eu não tinha nem tenho nenhuma imagem. Não quis estudar para ser professora que nem vocês. Acredito que meu trabalho é desenvolvido por amor mesmo, não tenho noção de docência nem nada semelhante, mas procuro me basear nas propostas para a faixa etária com a qual trabalho e busco auxílio e orientação de superiores sempre.

- Em algum momento já pensou em mudar de nível de ensino, e lecionar na EMEI ou no Ensino Fundamental?

Não.

- Por quê?

Porque além de não querer, eu não posso. Esqueceu que eu não sou professora? (risos).

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Desistir não, mas mudar de área sim. Já deveria ter concluído o curso de radiologia, mas a gravidez do meu segundo filho atrasou os planos. Sabe, não é nada pessoal contra a educação em geral. É uma questão de vocação, eu acho.

- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?

Eu gosto do que eu faço e procuro melhorar sempre. Eu visto a camisa mesmo.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

O contato com as crianças, as conquistas dos seus objetivos que foram trabalhados e alcançados, a vida social deles...

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Não encontrei expectativa de crescimento para mim. E a minha paixão mesmo é a área da saúde.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Ah, mais ou menos. Me aperfeiçoar eu não quero, mas eu trabalho duro mesmo.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Ai, essa aí eu não vou responder não, vou deixar pra vocês que são "estudadas". Só sei que se eu achasse fundamental a formação, tinha ido fazer. Não tenho e "fo" aqui até hoje. Tem gente com uma "puta" faculdade que nem agüentou ficar, e tem gente que só porque tem diploma de professora acha que é melhor... "Mais" vem ver na prática como que é.

---

(Transcrição da 3ª entrevista – realizada dia: 01/11/2006):

- (MD), vamos começar falando um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Eu tenho 25 anos, sou solteira e não tenho filhos. Tenho o terceiro grau completo: Licenciatura plena em Pedagogia na Unicamp.

- E quanto tempo durou essa sua formação?

Quatro anos.

- Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente?

Em que sentido ela pode ser útil?

Sim, sem dúvidas. O curso de pedagogia me deu uma base para o trabalho, mas resolvi fazer um curso mais específico de educação infantil (faço o PROEPE) pois acredito que a faculdade apenas não me deu todo o conhecimento necessário para trabalhar com essa faixa etária. Foi depois que eu comecei a trabalhar com Educação infantil que pude perceber que me faltava conhecimentos para atuar nela. Enfim, o curso de graduação é bastante superficial na área de educação infantil, mas não deixa de dar uma boa base para iniciarmos um trabalho pedagógico de qualidade.

- Qual o seu tempo de serviço na área?

Eu trabalho com educação infantil há dois anos e nove meses.

- O q você aprendeu de sua profissão no exercício do trabalho?

Bom, essencialmente foi no exercício do trabalho que pude comprovar algumas teorias e desacreditar de outras. Aprendi muito e aprendo a cada dia com o meu trabalho.

- Qual a relevância do trabalho na sua formação como profissional?

Penso que foi através da prática que consolidei todo conhecimento adquirido na Universidade. É no dia-a-dia que posso ver se tal teoria funciona ou não, o que posso mudar, o que devo melhorar, enfim, é através de tentativas e erros que aprendo (ou pelo menos tento) melhorar a minha prática.

- E por que você escolheu esta profissão?

Sempre quis conhecer o desenvolvimento da criança. Pensei então em fazer o curso de Psicologia ou de Pedagogia, pois pesquisei e vi que essas duas áreas estudavam o desenvolvimento da criança. Aí eu prestei vestibular para esses dois cursos, mas passei apenas em pedagogia.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde a essas imagens e a essas expectativas? Por quê?

Acho que a mesma imagem que a maioria tem: a imagem que a nossa sociedade nos mostra de profissional desvalorizado. Ainda me sinto desvalorizada por pessoas que infelizmente desconhecem a importância da profissão no desenvolvimento do ser humano como um todo, mas não trabalho com essa imagem, tento focar o desenvolvimento da criança porque acredito no trabalho apesar de tudo que tenta nos desanimar.

- Em algum momento já pensou em mudar de nível de ensino, e lecionar na EMEI ou no ensino Fundamental? Por quê?

Já. Eu já pensei em lecionar na EMEI, pois me interessa bastante trabalhar com toda a faixa etária da educação Infantil, desde zero até seis anos.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Sim, eu já pensei em desistir do serviço por falta de reconhecimento, por falta de valorização social e também financeira.

- Qual o valor que você atribui ao seu trabalho?

Bem, quando passamos a conhecer a criança e o seu desenvolvimento passamos a nos valorizar como profissionais da educação, pois temos uma grande responsabilidade nesse processo de desenvolvimento da criança, ou melhor, desenvolvimento da infância no indivíduo. Assim, valorizo meu trabalho como essencial ao desenvolvimento do ser humano enquanto criança, jovem e adulto.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Minha maior realização no momento é ver ao final de um período ou de um dia apenas que a criança progrediu, seja no desenvolvimento motor, no desenvolvimento da linguagem, no comportamento com o grupo, ou seja, na superação de alguma dificuldade qualquer das áreas do conhecimento.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

O desconhecimento da importância do período da educação infantil na vida de um indivíduo por parte dos pais, da família e da sociedade atual e, conseqüentemente a desvalorização ou a não valorização do profissional e do trabalho em si.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Acredito que tenho muito a aprender no exercício do trabalho e me dedicar mais à carreira na área de atuação atual.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Nós progredimos um pouquinho nos últimos anos. Atualmente é necessário uma formação específica, o magistério, no mínimo, para atuar na área. Há alguns anos acreditava-se que qualquer pessoa, de preferência mulher, que simplesmente gostasse de crianças poderia e estaria apta a trabalhar com crianças de zero a três anos em creches.

---

(Transcrição da 4ª entrevista – realizada dia: 06/11/2006):

- (NK) para começar vamos falar um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Tenho 35 anos, sou solteira e não tenho nenhum filho. Minha escolaridade é nível superior completo.

- Você possui formação específica na área e m que atua (educacional)?  
Sim, Pedagogia com especialização em Educação Infantil. Antes da faculdade eu fiz também o Magistério.

- E essa formação foi dada em escola pública ou particular? Quanto tempo durou?

Me formei em escola privada no Nível Superior e no Magistério em escola pública. A Pedagogia demorou três anos e meio e o Magistério só dois.

- Então você já tinha o Nível Médio (segundo grau) completo quando decidiu fazer o curso técnico Normal (magistério)?

É, eu já tinha terminado o segundo grau, por isso consegui fazer o magistério em só dois anos (modular).

- E por que você optou por este curso técnico?

Sou de um concurso em que para ser educadora era necessário ter apenas a oitava série. Só que teve uma hora que a Secretaria de Educação começou a falar em formação específica para as educadoras. Aliás, a gente era chamada

de babá, depois é que mudou, e eu via que alguma coisa estava faltando para melhorar meu trabalho.

- Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

Acredito que minha formação específica auxilia no trabalho docente, mas apenas na teoria, para que eu possa ter suporte para ser usado na prática. Mas nem sempre a prática e a teoria na educação caminham juntas, o que deixa uma grande lacuna na atuação profissional. Gostaria que os assuntos relacionados a problemática do dia-a-dia da sala de aula fossem mais aprofundados no curso de formação específica.

- Qual o seu tempo de serviço na área?

Já fazem dez anos.

- O que você aprendeu de sua profissão no exercício do trabalho?

Que o exercício docente é um trabalho que exige muito bom senso, sabedoria e amor pela profissão e pelas crianças.

- Qual a relevância do trabalho na sua formação como profissional?

O trabalho me motivou a buscar novos conhecimentos e novos aperfeiçoamentos.

- Por que da escolha desta profissão?

Como trabalho em Creche, escolhi essa profissão por acaso no concurso público, o que me chamou a atenção foi a carga horária. Na época, não exigia formação para ingressar. O cargo era babá e hoje denomina-se educadora infantil.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Na verdade, não via na época a minha função como docente. Babá e creche até então não eram “função docentes”. Era puro assistencialismo priorizando o cuidar e não o educar. Mesmo hoje, apesar das leis, em muitos lugares a Creche não é vista como escola e muito menos suas profissionais. Na verdade a profissão docente de creche e a própria creche, ela ainda está sendo formulada, sendo um assunto muito recente, principalmente do ponto de vista histórico. E a própria sociedade vê a creche como um depósito de crianças. A própria valorização da criança como ser em desenvolvimento e autônomo é bem recente. Existe muito trabalho para ser feito para que tudo isso seja mudado. A própria situação/ condição da creche deixa os professores inseguros e apreensivos do ponto de vista profissional e político. Mas com certeza hoje minha concepção em relação ao início mudou da água para o vinho. Aprendi a valorizar meu trabalho e a profissão e torço para que a Creche seja reconhecida em sua totalidade de acordo com a sua importância na vida da criança.

- Você, continuando na carreira educacional, mudaria de rede, de escola, de nível de ensino?

Já pensei em mudar sim, pela própria condição da creche atualmente, você é docente e ao mesmo tempo não é. Na Emei e no Ensino Fundamental o profissional é professor e não precisa brigar para provar sua condição perante os políticos, diretores e colegas. Sua profissão já foi regulamentada e ninguém contesta.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Não, em nenhum momento, apesar das condições. Amo a creche e o meu trabalho. Apesar de ter escolhido essa profissão por acaso, descobri que esse é meu verdadeiro dom.

- Qual o valor que você atribui ao seu trabalho?

Apesar do sistema político brasileiro não valorizá-lo, vejo na educação o caminho para uma sociedade mais justa, digna para as pessoas, e a solução para os conflitos e guerras decorrentes da ignorância humana.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Me sinto realizada quando no dia-a-dia vejo o progresso das crianças, seu crescimento, desenvolvimento, se tornando um ser humano que no futuro será uma pessoa mais feliz e saber que tive uma pequena participação e contribuição nisso.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Me sinto frustrada quando vejo que os próprios pais não se dedicam a seus filhos, o que tornaria nosso trabalho mais fácil e melhor. Os pais perderam o controle sobre a educação de seus filhos, muitas vezes eles se tornam um estorvo que devem ser depositados na creche.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Sim.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Acho que somente a exigência profissional é o grande problema na Educação Infantil. Hoje se exige apenas de um lado, do professor. A formação e o conhecimento são essenciais para a Educação Infantil, principalmente devido ao seu caráter polivalente, mas nós queremos melhores salários, melhores condições de trabalho, um plano de carreira com direitos e deveres. Exigências mera e simplesmente apenas contribuirão para que a educação permaneça no caos. Precisamos de incentivos, caso contrário não faltarão matérias decadentes nos noticiários.

---

(Transcrição da 5ª entrevista – realizada dia: 08/11/2006):

- (NH) me fale um pouco de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Tenho 42 anos, sou casada, tenho duas filhas, uma com 15 anos e outra com 23 anos.

- E qual a sua escolaridade?

Ensino Médio (o segundo grau).

- Você possui formação específica na área e m que atua (educacional)?

Sim, Magistério com habilitação em Educação Infantil.

- E essa formação foi dada em escola pública ou particular? Quanto tempo durou?

Fiz em escola particular e teve a duração de dois anos.

- Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

Tenho certeza que a minha formação auxilia muito o meu trabalho, porque muita coisa que transmito às crianças devo aos meus estágios e minhas aulas.

- Qual o seu tempo de serviço na área?

Tem quatro anos e nove meses.

- O q você aprendeu de sua profissão no exercício do trabalho?

Aprendi que, às vezes, é difícil colocar a teoria em prática. Aprendo que cada criança é única e deve ser respeitada como é. No meu trabalho, a cada dia que passa, adquiero mais conhecimento e procuro refletir sobre o meu dia para poder melhorar.

- Por que da escolha desta profissão?

Escolhi essa profissão porque sempre tive paixão por crianças.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?  
Eu tinha uma visão bem diferente do trabalho em creche. Hoje vejo que o meu trabalho é totalmente diferente da visão que eu tinha. A maioria dos pais também não sabem que, além do cuidado, trabalhamos com todo um processo pedagógico.

- Você, continuando na carreira educacional, mudaria de rede, de escola, de nível de ensino?

Não, sempre prestei concurso para trabalhar em creche.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Jamais.

- Qual o valor que você atribui ao seu trabalho?

Eu valorizo o meu trabalho porque o faço com muito amor e dedicação, apesar dos problemas e desafios.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Eu me sinto realizada quando, no final de cada ano, vejo o grupo desenvolvido. Procuro sempre trabalhar com os objetivos propostos e me cobro muito por isso.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

As maiores frustrações acontecem quando não valorizam os nossos acertos, e sim, apontam apenas os erros.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Acredito que, como faço o que gosto, estou sempre me esforçando para corresponder às expectativas, aprimorando sempre o meu trabalho.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Vejo que muita coisa mudou. Há alguns anos atrás a Creche era somente assistencial e hoje o trabalho é totalmente diferente. Acho as exigências necessárias porque favorecem a criança.

---

(Transcrição da 6ª entrevista – realizada dia: 18/12//2006):

- (BO) me fale um pouco de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Tenho 25 anos, sou solteira, não tenho filhos e tenho curso superior completo.

- Você possui formação específica na área em que atua (educacional)?

Sim, Pedagogia e Magistério.

- E essa formação foi dada em escola pública ou particular? Quanto tempo durou?

A Pedagogia eu fiz em faculdade particular e durou três anos, e o magistério em escola municipal e durou quatro anos.

- Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

Sim, a formação específica não só é útil, mas sim essencial, pois prepara e dá alicerce para resolver conflitos que surgem na prática e no dia-a-dia.

- Qual o seu tempo de serviço na área?

Três anos.

- O que você aprendeu de sua profissão no exercício do trabalho?

A prática. O meu trabalho é muito importante no crescimento profissional, pois ajuda a pensar na prática, nos desafios e nas diferentes formas de pensar que nos rodeia.

- Por que da escolha desta profissão?

No primeiro momento a escolha da minha profissão foi por influência materna, depois descobri o gosto que tinha pela mesma.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

A imagem que eu tinha era de uma profissão de altos e baixos, pois lidamos com vários tipos de criança e cada qual tem seu histórico. Sim, corresponde, porque a cada ano que passa nenhuma turma ou criança é igual a outra, é sempre um desafio.

- Você, continuando na carreira educacional, mudaria de rede, de escola, de nível de ensino?

Sim, pensei em lecionar na Emei, para experimentar o trabalho com outra faixa etária.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Não.

- Qual o valor que você atribui ao seu trabalho?

Como uma das coisas mais importantes da minha vida, lutei muito para chegar até aqui.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

A maior realização na carreira é acompanhar e participar do desenvolvimento das crianças, este ano, por exemplo, tenho um grupo que me faz sentir realizada.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Não conseguir realizar o trabalho que desejo.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Em termos de formação e realização profissional correspondo as expectativas da profissão, mas em relação ao esforço pessoal, sei que posso realizar um trabalho ainda melhor.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

No caso da creche, as cobranças aumentam, mas ainda falta a valorização por parte dos colegas de profissão e da sociedade.

---

(Transcrição da 7ª entrevista – realizada dia: 18/12//2006):

- (OM) me fale um pouco de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Tenho 21 anos, sou solteira, não tenho filhos e tenho curso superior.

- Você possui formação específica na área em que atua (educacional)?  
Sim, sou formada no curso Normal Superior com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais.

- E essa formação foi dada em escola pública ou particular? Quanto tempo durou?

Foi em escola particular. Foram três anos para a habilitação em Educação Infantil, depois fiz mais um ano para ter a habilitação em séries iniciais.

- Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

Auxilia bastante. O meu curso me preparou bastante para a atuação, com dicas de atividades, com o entendimento da faixa etária através da Psicologia da Educação, enfim, eu acredito que toda a grade do curso foi muito bem aproveitada para o meu trabalho hoje com as crianças.

- Qual o seu tempo de serviço na área?

Dois anos.

- O que você aprendeu de sua profissão no exercício do trabalho?

A Educação Infantil é a base para as próximas séries, o alicerce que for construído nessa fase sustentará as próximas, portanto, é de extrema importância tudo o que se trabalha com as crianças nessa idade, os traumas, a formação do caráter, o interesse pela educação se faz nessa fase, por isso temos que trabalhar para que tudo saia da melhor forma.

- Qual a relevância do trabalho na sua formação como profissional?

Eu trabalho com aquilo que eu amo, é muito gratificante para mim perceber a evolução de cada aluno.

- Por que da escolha desta profissão?

Na verdade eu caí de pára-quadras, porque na época do meu vestibular eu prestei Unicamp e Fuvest para engenharia e não passei, não queria fazer cursinho e ouvi dizer que aqui na faculdade de Vinhedo havia um vestibular para formação de professores, me interessei, fiz, e graças a Deus, deu super certo.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?  
O trabalho na Creche me surpreendeu bastante, a visão que eu tinha antes de trabalhar na área era bem negativa, mas mudou bastante a minha visão. Creche hoje para mim tem um valor grande: a higiene, a importância com o pedagógico, tudo tem um valor muito maior.

- Você, continuando na carreira educacional, mudaria de rede, de escola, de nível de ensino?

Não. Já tive experiência com o Ensino Fundamental e prefiro Educação Infantil mesmo.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Não, eu amo o que eu faço, já não me vejo mais sem meu trabalho, e hoje os meus horários estão ótimos, trabalhar seis horas está sendo ótimo!

- Qual o valor que você atribui ao seu trabalho?

Meu trabalho tem um valor muito grande para as minhas crianças, elas têm o meu comportamento e as minhas reações como modelo, então temos que estar atentos à nossa prática.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Poder acompanhar o desenvolvimento dos meus alunos, esse semestre com a minha aluninha com síndrome de down foi muito gratificante, o quanto ela desenvolveu a linguagem principalmente, essas coisas que nos fazem não querer seguir outra profissão.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Às vezes, quando eu planejo alguma atividade achando que eles vão amar e interessar e na hora de aplicar não sai nada como planejei, mas com essa faixa etária isso é normal.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Sim.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Eles agora exigem uma formação específica, eu acho ótimo e acredito que esse já é um grande passo.

---

(Transcrição da 8ª entrevista – realizada dia: 18/12//2006):

- (NS) me fale um pouco de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Tenho 25 anos, sou solteira, sem filhos e com terceiro grau completo.

- Você possui formação específica na área em que atua (educacional)?

Sim, Pedagogia.

- E essa formação foi dada em escola pública ou particular? Quanto tempo durou?

Foi pública, na Unicamp, e durou quatro anos.

- Você acredita que sua formação específica auxilia o trabalho docente? Em que sentido ela pode ser útil?

A minha formação em Pedagogia auxilia bastante no meu trabalho, principalmente em relação ao entendimento do desenvolvimento da criança, do papel do educador e da escola na formação desta. Além disso, durante a formação aprendi a ter um olhar mais complexo sobre a escola, a comunidade e a sociedade em geral.

- Qual o seu tempo de serviço na área?

Um ano e quatro meses.

- O que você aprendeu de sua profissão no exercício do trabalho?

Aprendi que é uma profissão complexa, pois temos que lidar com vários tipos de diferenças e problemas entre as crianças, com problemas familiares, temos que conviver com diferenças de idéias na administração, entre os professores e problemas estruturais da escola.

- Qual a relevância do trabalho na sua formação como profissional?

É muito grande a relevância do meu trabalho na minha formação como profissional. Acho que tenho aprendido tanto quanto na formação acadêmica.

- Por que da escolha desta profissão?

Na verdade não escolhi ser professora. Fui fazer o curso de Pedagogia para ver como era, sem saber que trabalharia na área escolar. Depois foram aparecendo oportunidades de trabalho nessa área e estou experimentando.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Não imaginava que o trabalho de professora era tão exaustivo, com tantos problemas que muitas vezes não dependem de nós para serem solucionados, como os problemas sociais e os estruturais da escola. Eu acreditava que o professor era mais valorizado pelas famílias e pela sociedade. Tinha essa visão porque a minha experiência como aluna era na rede particular.

- Você, continuando na carreira educacional, mudaria de rede, de escola, de nível de ensino?

Hoje penso em trabalhar na Emei, para poder exercer o cargo de professora e ter os direitos da categoria.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Não pensei em desistir do serviço.

- Qual o valor que você atribui ao seu trabalho?

Considero um trabalho de muita importância e responsabilidade, pois nós estamos formando pessoas, transmitindo valores, regras, e auxiliando diretamente no desenvolvimento intelectual, social e psicológico das crianças.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Tenho pouca experiência na carreira, mas me sinto muito feliz quando as crianças se envolvem com as atividades, com as brincadeiras e quando elas evoluem em algum aspecto ou superam alguma dificuldade. É muito bom saber que estou contribuindo para um crescimento saudável e feliz das crianças.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Acredito que as minhas frustrações estejam ligadas com as diferentes visões de educação dentro das escolas, inclusive da creche, pois sei que algumas coisas poderiam ser facilitadas se algumas regras fossem mais flexíveis. Acredito numa educação menos autoritária, rígida, que respeite realmente as necessidades da criança e ainda não encontrei uma escola assim.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Por enquanto acho que correspondo à essas expectativas, mas quero continuar estudando, me especializando na área, para que meu trabalho seja cada vez melhor.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Na Creche hoje se exige muito mais das educadoras do que há alguns anos, pois antes elas apenas tinham que cuidar das crianças, sem se preocupar com a parte pedagógica e hoje se exige pelo menos o magistério para trabalhar no local. As educadoras têm que estar aptas para planejar e executar a parte pedagógica, além de se preocupar com os cuidados necessários que as crianças pequenas exigem.

---

(Transcrição da 9ª entrevista – realizada dia: 19/12/2006):

- (NT), me fala um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Eu já to com 35, sou divorciada e tenho três filhos: a LT com 19, o QT com 17 e o MT com 12.

- E qual é a sua escolaridade?

Como eu comecei namorar muito cedo e a LT veio logo, só deu pra fazer até uma parte da 6ª série, depois tive que começar a cuidar dela, da casa, do marido... Aí não deu mais.

- Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua?

Se eu não tivesse engravidado tão cedo, quem sabe, né? Mas eu gosto mesmo é da prática, do contato com as crianças. Essa frescura de papelada de planejamento, de avaliação do grupo, depois individual, disso aí eu não gosto não... Vocês estudam pra ser diretora, coordenadora. Eu não, gosto mesmo é das minhas crianças.

- Há quanto tempo você trabalha na Creche?

Desde que a LT tinha cinco anos. Prestei concurso ela era mais nova um pouco, mas como eu sabia que poderia demorar um pouco pra chamar, arrisquei. Nossa, já faz catorze anos!

- O q você aprendeu da sua profissão no exercício do trabalho?

Bom, cuidar de criança, assim, dar banho, trocar fralda, dar mamadeira eu já sabia, fiz tudo isso com os meus três. Mas aqui eu tive que aprender a trabalhar com um número maior de crianças, com os medos dos pais que deixam elas aqui e vão trabalhar, com a cobrança da diretora...

- Por que da escolha dessa profissão?

Esse aqui foi meu primeiro emprego fixo, antes eu fazia uns biquinhos na casa de um e de outro. Sempre gostei de trabalhar com gente, na época era uma vaga que dava pra eu prestar, tinha que ser mulher e ter 4ª série. Arrisquei e deu certo!

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Eu achava que só gostando de gente, de criança, ia dar certo. Mas não é bem assim. Criança exige cuidado, tem que ter atividades diversas, se não elas não querem, tem que estar sempre cutucando a curiosidade delas. Cansa bastante...

- Em algum momento já pensou em mudar de nível de ensino, e lecionar na EMEI ou no Ensino Fundamental?

Não, eu gosto deles. (das crianças de zero a três).

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Ah, já. Acho que todo mundo já quis largar tudo um dia. Mas no meu caso era porque eu não tava bem, quando eu me separei. Eu tava tão mal e a cobrança foi tanta, que acabei perdendo a minha turma. E olha que eu adorava eles. Mas não deu...

- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?

Acho tão importante pra eles, mas pra mim também: eu dou risada com eles, fico brava, ensino, aprendo. Amo meu trabalho.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Ver o que eles mudaram de quando entraram, como cresceram, começar a andar, falar... E quando eles falam nosso nome pela primeira vez? Tudo isso é muito bom.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Olha, o que eu não gosto mesmo é de ficar escrevendo, registrando atividade, fazendo avaliação, planejamento... Acho que é por que eu não sou professora.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Eu procuro fazer tudo com muito amor.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Ah, antes a gente não precisava ficar escrevendo tanta coisa, não era tão cobrado... A gente ficava olhando as crianças pra elas não se machucarem, trocava, dava comida. Hoje não, hoje você tem que fazer bastante atividade, contar histórias, ensinar eles a se cuidar, a se desenvolver.

---

(Transcrição da 10ª entrevista – realizada dia: 19/12/2006):

- (BM), me fala um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Eu tenho 29 anos, moro com o meu namorado e ainda não tenho nenhum filho. Da escolaridade, eu fiz até a 6ª série.

- Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua?

Olha, sinceramente não. Até mesmo porque se eu quisesse eu já tinha feito. Uma vez, não, vários anos, veio o pessoal da Secretaria (de Educação) oferecer pra gente ir se especializar, algumas meninas, que nem a RH, a NH, a NK, até que foram, mas eu não me interessei não.

- Há quanto tempo você trabalha na Creche?

Já vai fazer onze anos.

- O que você aprendeu da sua profissão no exercício do trabalho?

Tudo. E é por isso mesmo que eu não quis ir estudar, só pra escrever e falar bonito. Fala a verdade: você aprendeu a trocar fralda lá na sua faculdade? Aprendeu a dar banho, a trocar a roupa, a dar comida? Aposto que não. Porque a gente tem que ensinar tudo quando vocês chegam... Eu sei tudo isso e nunca entrei numa faculdade...

- Por que da escolha dessa profissão?

Porque eu gosto mesmo dos pequenos. Gosto de cuidar deles, de ver eles aprenderem a andar, a falar, a cantar uma música nova, a aprender a comer sozinho... sei lá... eu só sei que apesar de eles darem bastante trabalho, eu adoro.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Quando comecei a trabalhar na Creche era só para cuidar. Agora já mudou bastante, tem que dar bastante atividade diferenciada para desenvolver as crianças, fazer planejamento, contar histórias, um monte de coisas que antes não tinha. Mas, tirando o papel, consigo levar numa boa.

- Em algum momento já pensou em mudar de nível de ensino, e lecionar na EMEI ou no Ensino Fundamental?

Eu não! Até mesmo porque eu não posso, ia ter que estudar um monte e você já sabe que esse não é o meu forte. Deixa eu quietinha aqui mesmo, que eu tô bem...

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Não, acho que não.. eu gosto muito daqui.

- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?

Acho muito importante, tanto para as crianças se desenvolverem, terem contato com outras crianças, e para os pais também é importante ter um lugar para deixar os filhos bem, com segurança, enquanto trabalham.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Cada criança que passou por mim foi uma realização.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

O que que teve de ruim? Ai, eu não sei não... acho que é quando tem muita criança, fica mais complicado.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Ah, eu tento fazer o melhor que eu posso.

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Antes a gente ficava mais cuidando mesmo, agora tem mais exigência, tem que programar atividade, tem que registrar, só que a gente que trabalha na Creche ainda não é reconhecido, nem a Creche não é.

---

(Transcrição da 11ª entrevista – realizada dia: 19/12/2006):

- (UU), me fala um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

Eu já tenho 47 anos, apesar de não parecer, né, Júlia (risos), eu só casada... Que mais? Ah! Quantos filhos, tenho três. E eu fiz até a quarta série.

- Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua?

Ah, não. Eu parei de estudar já faz tempo.

- Há quanto tempo você trabalha na Creche?

Faz uns dezesseis anos.

- O que você aprendeu da sua profissão no exercício do trabalho?

Tudo que eu sei da Creche, se eu não aprendi em casa cuidando dos meus filhos, eu aprendi aqui mesmo.

- Por que da escolha dessa profissão?

Bom, na verdade, foi acidental. Eu tava precisando trabalhar pra ajudar em casa mesmo, meu marido, né? Aí teve o concurso, como eu gostava muito de criança, eu me “escrevi”, aí eu passei e to aqui até hoje, né?

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Ah, sim, ele é bastante gratificante.

- Em algum momento já pensou em mudar de nível de ensino, e lecionar na EMEI ou no Ensino Fundamental?

Como? Ta loca menina? Isso é pra voceis, que são novinhas, que tão estudando... deixa a gente quietinha aqui mesmo...

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Não, eu preciso do meu trabalho, e eu também gosto.

- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?

Dou muito valor ao meu trabalho, porque me esforço para realizar o melhor trabalho possível. E também porque tenho a sorte de trabalhar no que gosto e ajudar meu marido nas despesas da casa e educação dos filhos.

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Ter o amor e o carinho das crianças.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Sei lá!

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Pra voçeis que estudam, com certeza não. Mas eu quero sempre fazer as coisas bem certinhas...

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Antes era só a gente, tudo igual que trabalhava na Creche. Agora tem voçeis, que ficam estudando. Aí o pessoal fica querendo que todo mundo faça igual. Antes era bem mais fácil. Mais agora, né?

---

(Transcrição da 12ª entrevista – realizada dia: 19/12/2006):

- (SS), me fala um pouquinho de você: sua idade, estado civil, número de filhos, escolaridade:

46 anos, sou casada, tenho dois filhos e uma filha e dois netos. Eu estudei até o quarto ano.

- Você gostaria de ter uma formação profissional específica na área em que atua?

Eu não tive muita oportunidade pra estudar não.

- Há quanto tempo você trabalha na Creche?

Já tem dezoito anos.

- O que você aprendeu da sua profissão no exercício do trabalho?

Tudo que eu sei das crianças eu aprendi aqui, trabalhando.

- Por que da escolha dessa profissão?

Ué, porque eu gosto.

- Qual a imagem da carreira docente que você tinha ao iniciá-la? O seu trabalho atual corresponde à essas imagens e à essas expectativas? Por quê?

Ah, não sei. Já não lembro mais.

- Em algum momento já pensou em mudar de nível de ensino, e lecionar na EMEI ou no Ensino Fundamental?

Isso aí de ser professora é pra vocês, não pra mim.

- Em algum momento já pensou em desistir do serviço? Qual (s) o (s) principal (s) motivo (s)?

Ah, quando você faz o melhor que pode, e ainda vem gente reclamar, dá bastante raiva...

- Qual o valor que você atribui a seu trabalho?

Acho que é bom, né?

- Quais são as suas maiores realizações na carreira?

Poder ajudar lá em casa.

- Quais são as suas maiores frustrações na carreira?

Quando tem muita cobrança.

- Você se vê correspondendo às expectativas da profissão em termos de esforço pessoal, formação profissional e realização profissional?

Acho que sim, você não acha?

- A seu ver, o que mudou quanto ao que se exige do profissional que atua na educação infantil?

Ah, hoje em dia tem vocês que são estudadas, aí cobram muito mais da gente.

---